

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO**  
**Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade**

**A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E O SENTIMENTO DE CULPA.**

**DOUGLAS OLIVEIRA DE CAMPOS**

**Maringá**

**2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO**  
**Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade**

**A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E O SENTIMENTO DE CULPA.**

Dissertação apresentada por Douglas Oliveira de Campos, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador:

Prof. Dr.: Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

**Maringá**

**2009**

DOUGLAS OLIVEIRA DE CAMPOS

**A COMPULSÃO À REPETIÇÃO E O SENTIMENTO DE CULPA.**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Fábio Thá – Faculdade Dom Bosco – Curitiba

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Viviana Carola Velasco Martinez – UEM

19/02/2009

- C211c Campos, Douglas Oliveira de  
A compulsão à repetição e o sentimento de culpa /  
Douglas Oliveira de Campos. – Maringá : [S.I],  
2009. – 84 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de  
Maringá, 2009
1. Teoria Psicanalítica. 2. Compulsão à repetição.  
3.Sentimento de culpa. 4. Compulsão à repetição na  
teoria de Freud. I. Título
- CDD – 150.1952

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores membros da banca examinadora Viviana Carola Velasco Martinez e Fábio Thá, por suas contribuições para a confecção desta dissertação e em especial ao professor Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, por sua orientação e pela oportunidade concedida para que eu pudesse desenvolver este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho buscou encontrar uma relação entre a compulsão à repetição e o sentimento de culpa. Discorro acerca da idéia de compulsão à repetição, como sua inclusão na obra freudiana altera a teoria psicanalítica de até então, seu funcionamento no aparelho psíquico ao se impor como antagonista à dominância do princípio de prazer e sua relação com as pulsões. Apresento também o sentimento de culpa dentro do contexto da segunda tópica do aparelho psíquico e tento mostrar, a partir da apresentação destas duas idéias, como estas se relacionariam.

Tento defender a suposição de que, em parte, o sentimento de culpa talvez possa ser entendido como uma manifestação da compulsão à repetição. A maior dificuldade aqui seria isolar um fenômeno puro de compulsão à repetição que comprovasse a mesma, bem como caracterizar o sentimento de culpa como manifestação da última quando o mesmo atua principalmente a serviço do princípio de prazer.

Meu principal objetivo é apresentar a idéia de compulsão à repetição, de modo que, no primeiro capítulo apresento um breve percurso histórico do desenvolvimento desta idéia na obra de Freud, ao mesmo tempo em que tento apresentar sua definição; no segundo capítulo, discorro sobre os exemplos de manifestações da compulsão à repetição presentes em “Além do princípio de prazer” (FREUD, 2006/1920); inicio o terceiro capítulo com uma exposição das relações entre a idéia de compulsão à repetição com as pulsões e discorro sobre como as pulsões interagem com a cultura e com o sentimento de culpa, que é o tema do quarto capítulo; no quinto capítulo, tento defender a hipótese de uma possível relação entre a compulsão à repetição e o sentimento de culpa.

## ABSTRACT

This study tries to find a relationship between the repetition compulsion and the guilt feeling. I discourse about the idea of repetition compulsion, how its inclusion on Freudian work can modify the psychoanalytic theory, its operation in the psychic apparatus when being imposed as antagonistic to the dominance of pleasure principle and its relation to the drives. I also introduce the guilt feeling into the context of the second topographical model of the psychic apparatus and try to show, by the presentation of these two ideas, how they can be related.

I try to defend the assumption that perhaps the guilt feeling may be understood like a manifestation of the repetition compulsion. Here the main difficulty would be isolate a pure phenomenon of repetition compulsion to certifying the same one, as well how characterizing the guilt feeling as a manifestation of the repetition compulsion when the guilt feeling acts mainly the service of the pleasure principle.

My main objective is to present the idea of repetition compulsion, so, in the first chapter I presented a brief historical passage of the development of this idea on Freudian work at the same time where I try to present its definition; in the second chapter, I discusses the examples of manifestations of the repetition compulsion presented in “Beyond the pleasure principle” (FREUD, 2006/1920); beginning the third chapter with an exposition of the relations between the idea of compulsion to the repetition with the drives and I discourse about as the drives interact with the culture and the guilt feeling, which is the subject of the fourth chapter; in the fifth chapter, I try to defend the hypothesis of a possible relation between the repetition compulsion and the guilt feeling.

**SUMÁRIO**

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>04</b>
<b>RESUMO</b>	<b>05</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>06</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>1 O conceito de compulsão à repetição.</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Compulsão à repetição: economia e tópica no funcionamento do aparelho psíquico.</b>	<b>17</b>
<b>1.2 A compulsão à repetição em “O Projeto”.</b>	<b>17</b>
<b>1.3 A compulsão à repetição em sua oposição ao processo primário e secundário.</b>	<b>20</b>
<b>2 Manifestações ou exemplos da compulsão à repetição, levantados por Freud.</b>	<b>31</b>
<b>2.1 O jogo infantil.</b>	<b>31</b>
<b>2.2 As neuroses de destino.</b>	<b>33</b>
<b>2.3 Os sonhos traumáticos e os de transferência.</b>	<b>35</b>
<b>2.4 A compulsão à repetição e a transferência: experiências desprazerosas revividas durante o tratamento.</b>	<b>39</b>
<b>2.5 Objeções de que tais exemplos efetivamente componham uma nova idéia de compulsão à repetição.</b>	<b>43</b>
<b>3 Uma nova dualidade pulsional</b>	<b>45</b>
<b>3.1 A compulsão à repetição e as pulsões de vida e morte.</b>	<b>45</b>
<b>3.2 As pulsões e a cultura.</b>	<b>49</b>
<b>4 O sentimento de culpa.</b>	<b>54</b>
<b>5 Compulsão à repetição, trauma de castração e o sentimento de culpa.</b>	<b>63</b>
<b>CONCLUSÕES</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>82</b>



## INTRODUÇÃO

Como bem sabemos Freud, no decorrer de sua vida, fez várias alterações em sua obra; essas alterações implicaram por vezes a negação de concepções elaboradas anteriormente e em outras ocasiões complementavam idéias já elaboradas. Estas mudanças correspondem tanto à técnica empregada pela Psicanálise no tratamento dos neuróticos, quanto à configuração e funcionamento do aparelho psíquico, isto é, à metapsicologia.

Uma das alterações que Freud (2006/1920) fez em sua obra despertou o meu interesse, ela está no artigo “Além do princípio de prazer”, em que ele expõe uma nova configuração da idéia de compulsão à repetição que se apresentava de forma diversa no texto “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914. Em “Além do princípio de prazer”, Freud nos apresenta a pulsão de morte, sua influência no funcionamento do aparelho psíquico e como esta contribuiria na elucidação de alguns pontos ainda não explorados na teoria apresentada até então. No mesmo artigo, a idéia de compulsão à repetição é exposta como um fenômeno que se opõe ao princípio de prazer, a terminologia ‘compulsão à repetição’ já aparecia no texto anterior, contudo não com a mesma abrangência de atuação no aparelho psíquico, definição e sobretudo não de modo à explicitamente se opor ao princípio de prazer.

Algumas das alterações teóricas decorrentes da inclusão da idéia de compulsão à repetição na teoria psicanalítica são, por exemplo: a abertura de uma exceção ao imperativo de que todo sonho é uma realização de desejo; a descrição e explicação das neuroses de destino ou compulsões de destino; construções sobre a psicologia infantil; o reconhecimento de que, em transferência, os pacientes repetem experiências infantis que segundo Freud, mesmo naquela época só trouxeram desprazer; as pulsões atuarem como um impulso interno visando restabelecer um estado anterior que o organismo foi obrigado a abandonar; e o estabelecimento de uma nova dualidade pulsional entre as pulsões de vida e de morte; e alterar o entendimento da metapsicologia psicanalítica, em termos econômicos, impondo-se como um processo que contrariaria os desígnios do princípio de prazer.

O presente trabalho além de fazer observações sobre como cada uma dessas alterações

teóricas se mostraria relevante na metapsicologia psicanalítica – ou seja, como a idéia de compulsão à repetição se relacionaria a economia, tópica e dinâmica do aparelho psíquico -, busca traçar uma relação entre a idéia de compulsão à repetição e a de sentimento de culpa, tal qual é definido por Freud em “O mal estar na civilização”. Tento estabelecer que o sentimento de culpa, poderia ser entendido, em parte, como uma manifestação da compulsão à repetição. De modo a dissertar sobre a suposição de que o sentimento de culpa - bem como as acusações provenientes do *supereu*<sup>1</sup> das quais este sentimento resultaria - poderia ser também composto de energia não representada que, de forma atualizada, retorna ao aparelho psíquico.

A hipótese de trabalho acima parte do pressuposto de que a compulsão à repetição, segundo Freud (2006/1920), seria uma coação sofrida pelo indivíduo a repetir experiências que em nenhum momento trouxeram satisfação ou buscaram evitar desprazer. Estas experiências ao se repetirem contrariariam o princípio de prazer e supostamente sua repetição teria como função<sup>2</sup> psíquica unir a energia não representada, resultante de uma invasão brutal do aparelho psíquico por uma excitação proveniente do meio externo, a um representante psíquico. Por sua vez, o sentimento de culpa seria o efeito direto dos ataques acusatórios do *supereu* ao *eu*, tais acusações nem sempre seriam condizentes com a realidade material e possivelmente atuariam como uma das formas de satisfação da pulsão de morte. Tento defender que, assim como a compulsão à repetição atuaria no aparelho psíquico sem depender que a energia rerepresentada em suas manifestações esteja necessariamente vinculada a um representante, do mesmo modo o sentimento de culpa, além de sua atuação sob domínio do princípio de prazer ao buscar satisfação as exigências do *supereu*, também poderia, suponho, trazer consigo um resto de energia não representada do complexo de castração.

Meu principal objetivo nesta dissertação é apresentar a idéia de compulsão à repetição, seu desenvolvimento na obra freudiana e sua relação com a teoria psicanalítica. Para tal, o objetivo secundário apresentado na hipótese precedente, de uma relação entre a idéia desta repetição e a de sentimento de culpa, foi escolhido como recurso argumentativo para estruturar o texto no qual a idéia geral do funcionamento da compulsão à repetição no aparelho psíquico será

---

<sup>1</sup> No decorrer do trabalho adotarei Ics., Pcs. e Cs. como abreviação dos termos inconsciente, consciente e consciente quando me referir aos mesmos como sistemas e destacarei em itálico quando fizer o mesmo com os sistemas *isso*, *eu* e *supereu*.

<sup>2</sup> Ver páginas 18 e seguintes para as possíveis restrições do uso da palavra função.

apresentada. Neste contexto tento também relacionar as idéias expostas neste trabalho com a neurose obsessiva.

Assim, está dissertação, por ser apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá que tem sua área de concentração em “Constituição do Sujeito e Historicidade”, procura localizar historicamente e discorrer sobre a idéia de compulsão à repetição em relação ao desenvolvimento da teoria psicanalítica. A apresentação da idéia de compulsão à repetição enfocada nesta dissertação ocorre no ano de 1920, ou seja, em um momento próximo a metade da obra psicanalítica de Freud, e tento mostrar como esta idéia interage com a teoria de até então e afeta a posterior obra de Freud a partir de sua elaboração.

Inicialmente, propus como projeto uma relação entre a idéia de compulsão à repetição e a de cultura, conforme eu escrevia a dissertação percebi que o aspecto da cultura que gostaria de focar era precisamente a parte desta que é incorporada pelo indivíduo e exerce influencia sobre o aparelho psíquico, ou seja, o *supereu* e a sua atuação no psiquismo por meio do sentimento de culpa. O trabalho se voltou, deste modo, a questionar quais as relações existentes entre a idéia de compulsão à repetição e a de sentimento de culpa, já que este sentimento seria o modo pelo qual o *supereu* tenta impor seus desígnios ao *eu* – ou, dito de outra forma, seria o resultado das imposições culturais ao indivíduo.

Como neste trabalho tento traçar uma relação entre duas idéias, faço um recorte da teoria, focado principalmente na idéia de compulsão à repetição. Escolhi este enfoque tomando por referência a importância atribuída a tal idéia por Lacan em seu “Seminário 11”, no qual a repetição é apresentada como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise juntamente com os de inconsciente, de transferência e de pulsão, no entanto a repetição não é entendida nesta dissertação como desvinculada do todo da teoria psicanalítica e eu também não atribuí a ela um papel fundamental no entendimento do funcionamento do aparelho psíquico, visto que, mesmo que a compulsão à repetição se oponha diretamente ao princípio de prazer, o último não perde sua dominância sobre o aparelho psíquico e os dois processos até se encontram em sua finalidade (manter o aparelho livre de estimulações, ou retornar a um momento anterior onde esta não existia). A compulsão à repetição, ao enfocarmos sua possível função, poderia até ser considerada como uma condição prévia para que o montante de energia presente no aparelho psíquico pudesse

ser manipulado pelo processo primário, Esta compulsão seria um fenômeno psíquico anterior<sup>3</sup> aos mecanismos do processo primário que atuam neste aparelho tanto no desenvolvimento de cada indivíduo quanto evolutivamente.

Neste trabalho busco, desse modo, explorar apenas uma parte da teoria, mas sem promover esta parte em detrimento de um todo teórico da psicanálise. Além disso, os conceitos de compulsão à repetição e de sentimento de culpa se relacionam respectivamente com a filogênese e com a cultura. As duas últimas influenciariam a psicanálise como uma tangente, nenhuma das duas está realmente dentro do campo psicanalítico que se restringiria ao campo do inconsciente, mas ambas atuam sobre ele, especificamente determinando sua constituição em um jogo de oposição mútua que é explorado em maior detalhe no decorrer do trabalho. A cultura é entendida aqui, de forma resumida, como:

(...) a soma das produções e regulamentos que distanciam nossas vidas de nossos antepassados animais, e que servem a duas finalidades: proteger o homem contra a natureza e regulamentar as relações dos homens entre si (FREUD, 1953/1930, p. 90).

E a filogênese é entendida nesta dissertação como uma das partes dessa natureza, da qual Freud afirma, na citação anterior, que a cultura visa nos proteger. A filogênese seria o estudo da herança morfológica (genética) que determina a constituição orgânica dos indivíduos ou espécies, ou seja, uma parte da natureza que é interna ao indivíduo e conseqüentemente seria mais efetiva em suas imposições que os fatores naturais externos ao organismo. Nesta filogenia encontraremos as pulsões como fonte (estímulo endógeno), sendo que Freud (2004/1915) subdividiu o mecanismo de operação das pulsões em fonte, objeto, pressão e finalidade.

No primeiro capítulo eu inicialmente apresento o aparecimento da idéia de compulsão à repetição na obra de Freud e esboço um pequeno levantamento histórico de sua apresentação por este autor e passo a dissertar sobre como esta idéia interage com o restante da metapsicologia freudiana tomando por base a primeira tópica, ao mesmo tempo em que tento apresentar sua definição. No segundo capítulo, eu discorro sobre os exemplos de manifestações da compulsão à repetição, que são apresentados por Freud (2006/1920), em “Além do princípio de prazer”. Início

---

<sup>3</sup> No sentido de mais primitiva.

o terceiro capítulo com uma exposição das relações entre a idéia de compulsão à repetição com a nova dualidade pulsional, pulsões de vida e de morte, e a definição destas pulsões como anseio de retorno a um estado anterior presente no último texto. Passo a expor na segunda metade deste capítulo como as pulsões interagem com a cultura e a partir desta interação começo a dissertar sobre a idéia de sentimento de culpa como é definido no texto “O mal estar na civilização”, de Freud (1953/1930). O sentimento de culpa é o tema do capítulo 4 em conjunto com sua relação com a segunda tópica que é apresentada por Freud (1976/1923), em “O eu e o isso”. No quinto capítulo, disserto sobre a compulsão à repetição em relação a esta nova tópica para enfim tentar traçar uma relação entre a compulsão e o sentimento de culpa.

Nessa última relação, utilizo a pressuposição de que o *supereu* seria um remanescente representante da figura paterna, que um dia, de forma ambivalente, foi ao mesmo tempo amada e temida pela criança mediante a ameaça de castração. Da mesma forma, o *supereu* como representante psíquico desta figura no adulto seria amado pelo *eu* e a mera ameaça da perda deste afeto pelas censuras que faz geraria um forte sentimento de culpa. Desse modo, se pode supor que, talvez, este sentimento seria parte do que foi outrora o medo da castração. Angústia esta que, supostamente, não poderia ser totalmente representado, o rochedo da castração. Disserto a partir disso, sobre a possibilidade de um resto não representado deste medo se repetir nas neuroses de transferência por meio do sentimento de culpa, assim, talvez este sentimento atuasse “também” como uma compulsão à repetição e não apenas servindo ao princípio de prazer ao satisfazer as imposições do *supereu*, e poderia prover pistas sobre a energia restante do trauma de castração no processo de análise.

Não quero aqui demonstrar uma equivalência entre o medo de castração e o sentimento de culpa, eu tento sim, evidenciar uma relação de contigüidade entre a angústia ou medo de castração da criança com o que posteriormente se manifestará no adulto como sentimento de culpa, sendo, talvez, este último, apenas em parte, uma reedição do primeiro. Também tento dissertar sobre como essa relação influenciaria o restante da metapsicologia freudiana bem como o entendimento do percurso do tratamento clínico das neuroses de transferência e particularmente a neurose obsessiva. A neurose obsessiva aparece em alguns pontos deste trabalho, como tentativa de dar substância à argumentação metapsicológica enfocada nesta dissertação.

No projeto desta dissertação propus inicialmente relacionar a temática a ser

desenvolvida tanto a histeria quanto a neurose obsessiva e utilizar um estudo de caso de cada uma destas patologias como base para construção do texto. Este estudo de caso foi descartado para otimizar o tempo para execução do trabalho sendo que pelo mesmo motivo optei por restringir-me apenas a uma das patologias citadas. A escolha pela neurose obsessiva e não outra patologia foi realizada tendo em vista a minha participação em um Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização que no momento se dedica ao estudo acerca dessa neurose, desse modo, no decorrer do trabalho tento estabelecer relações entre meu objeto de pesquisa e esta patologia. Acreditava no princípio que encontraria relações claras entre a neurose obsessiva e a compulsão à repetição, porém não obtive sucesso em relacionar as duas diretamente, apenas encontrei uma relação parcial por no início ignorar que a compulsão que se expressa nesta neurose não se opõe ao princípio de prazer; no entanto, nos próprios textos de Freud, é possível encontrar uma relação específica entre a neurose obsessiva e a idéia de sentimento de culpa, caracteristicamente no modo explícito em que este se manifesta à consciência nessa patologia em particular.

## 1 - O conceito de compulsão à repetição.

A idéia de compulsão à repetição, com a definição que adoto nesta dissertação, aparece efetivamente na obra de Freud (2006/1920), em “Além do princípio de prazer”, no entanto, segundo Strachey (2006/1969), uma primeira referência a esta idéia, com a nova sistematização que a mesma encontraria em 1920, já aparece em um parágrafo do artigo “O estranho”, de Freud (1953/1919). Strachey (2006/1969) afirma também que Freud teria citado a compulsão em um congresso em Haia no início de 1920. Ela está presente também em “Recordar, repetir e elaborar” de Freud (1953/1915), mas com uma definição levemente discrepante e uma abrangência menor do que no artigo de 1920.

Em “O estranho” Freud (1953/1919) discorre sobre o que seria ou causaria o sentimento de estranheza nos indivíduos. A compulsão à repetição aparece, então, em um único parágrafo, após exemplos que tentam estabelecer um retorno de conteúdo infantil como correlato das ocorrências que remetem ao sentimento de *estranho*, onde o autor referencia um trabalho já concluído para maiores detalhes, possivelmente “Além do princípio de prazer”, embora Freud não mencione o nome do artigo. Mas, ele não deixa de adiantar que supõe existir no inconsciente uma dominância que seria anterior à do princípio de prazer, que esta força seria suficientemente poderosa para sobrepô-lo e esta seria inerente à natureza das pulsões. Afirma acreditar também que esta compulsão à repetição se expressaria nos impulsos de crianças pequenas e nas análises de pacientes neuróticos. No fim do parágrafo, diz então que o que quer que seja revivido a partir de tal compulsão é percebido como *estranho*.

Segundo Gay (2001), Freud também fez uma referência semelhante a um artigo que seria publicado em breve, no qual trataria da compulsão à repetição no primeiro congresso psicanalítico realizado depois da primeira guerra mundial. Este congresso ocorreu no início de setembro de 1920 e Gay afirma que nessa ocasião Freud realizou uma comunicação aperfeiçoando a teoria dos sonhos e esboçou brevemente a idéia da compulsão à repetição.

Strachey (2006/1969) apresenta um resumo dessa comunicação, mas ele não pôde precisar se esse resumo é ou não de autoria do próprio Freud. Com o título de “Suplementos à

Teoria dos Sonhos” o resumo não trata, em nenhum momento, diretamente da compulsão à repetição, mas sim, traz um comentário sobre os sonhos traumáticos, que ocorreriam em pacientes vítimas de acidentes e também no tratamento dos neuróticos, que seriam sonhos nos quais são revividas experiências que nunca resultaram em obtenção de satisfação. Strachey (2006/1969) afirma, também, que o orador referenciou o texto “Além do princípio de prazer”, como uma tentativa de ajustar também esses sonhos à teoria da realização de desejos. Não temos acesso ao conteúdo completo da comunicação, mas suponho que nela, Freud já preparava terreno para, pela primeira vez, conceder uma exceção à afirmativa de que todo sonho é uma realização de desejo, com a publicação de “Além do princípio de prazer”, pouco tempo depois. Embora o resumo da comunicação afirme que o orador tentará ajustar também os sonhos traumáticos a teoria da realização de desejos, o que aparece no texto de 1920 é o oposto.

Em “Além do princípio de prazer”, Freud (2006/1920) discorre efetivamente sobre a idéia de compulsão à repetição. Nesse texto, ele faz uso de uma articulação entre alguns exemplos para sustentar a existência desta compulsão no funcionamento do aparelho psíquico. Estes exemplos são: do jogo infantil, utilizando para tal a brincadeira de seu neto atirar para longe e depois puxar de volta para si, um carretel; os sonhos de transferência e a repetição de experiências desprazerosas durante o tratamento que nunca, mesmo quando repetidas, obtiveram satisfação prazerosa; a compulsão de destino, fatos que ocorrem sucessivas vezes com a mesma pessoa causando angústia, mesmo que não acarretem uma formação de sintoma característica de um conflito neurótico; e os sonhos traumáticos. Tratarei de cada um destes exemplos de forma mais detida no capítulo seguinte.

Ainda em “Além do princípio de prazer”, Freud (2006/1920) define a compulsão à repetição como uma coação sofrida pelo indivíduo a reviver experiências que mesmo quando repetidas ocasionam desprazer e tampouco em seu passado obtiveram satisfação, assim contrariando a total dominância do princípio de prazer sobre o aparelho psíquico.

Uma vez que nenhuma dessas situações que o paciente repete em transferência poderia, no passado, propiciar-lhe prazer, seria de supor que esses elementos hoje tenderiam a emergir como recordações ou em sonhos, causando um desprazer menor do que quando se atualizam na transferência como se fossem novas experiências. Afinal, poderíamos



esperar que a ação dessas pulsões devesse conduzir a uma vivência de satisfação; entretanto, mesmo naquela época essas pulsões apenas trouxeram desprazer de modo que nada se aprendeu com a velha experiência. A ação das pulsões é repetida mesmo assim, há uma coação que obriga a essa repetição (FREUD, 2006/1920, pp.146-147).

A idéia de compulsão à repetição é apresentada por Freud (2006/1920), como essa coação sofrida pelo indivíduo a repetir experiências desprazerosas, embora na citação precedente Freud se refira especificamente às manifestações de uma repetição presentes na transferência, observada durante o tratamento de seus pacientes neuróticos, comentários semelhantes, de que tal compulsão se oporia ao princípio de prazer acompanham cada um dos exemplos das manifestações da repetição trazidos por Freud no texto.

No entanto, Freud (2006/1920) deixa claro que as manifestações da compulsão à repetição que apresenta em seu texto, não constituem, nenhuma delas, um fenômeno puro, sendo que os sonhos traumáticos seriam a manifestação com uma menor influência de outros processos a serviço do princípio de prazer. É apenas por uma articulação entre todos os exemplos, que Freud esboça a possibilidade da existência de um fenômeno psíquico que se oponha ao princípio de prazer. Nota-se em “Além do princípio de prazer” que todo o texto tem um tom de hipótese, sobre a qual Freud arduamente se debruça e tenta diminuir as fraquezas de seu argumento em prol da existência desta compulsão à repetição a cada manifestação que ele descreve.

### **1.1 Compulsão à repetição: economia e tópica no funcionamento do aparelho psíquico.**

O aparecimento do conceito de compulsão à repetição na teoria psicanalítica alteraria principalmente do ponto de vista metapsicológico. Freud (2004/1915) especifica como pertencentes ao campo da metapsicologia as explicações teóricas que remetam à tópica, dinâmica ou economia do aparelho psíquico. Neste capítulo após o breve comentário histórico, enfoco inicialmente as possíveis alterações e relações entre a entrada do conceito de compulsão à repetição na teorização freudiana e o aspecto econômico do aparelho psíquico, tomando como referência neste primeiro momento apenas a primeira tópica - Ics., Pcs. e Cs. - e mais adiante tento também apresentar a suposição de que tal conceito não se enquadra perfeitamente nesta topologia do aparelho psíquico.

### **1.2 A compulsão à repetição em “O Projeto”.**

Caropreso e Simanke (2006) defendem a hipótese de que de alguma forma a idéia de compulsão à repetição já poderia ser encontrada em "Projeto de uma psicologia", de 1895. Para estes autores os fenômenos que repetem situações desprazerosas, seriam as razões para Freud estabelecer o conceito de uma compulsão à repetição, contrariando assim a dominância do princípio de prazer que ficou estabelecida desde o capítulo 7 de "A interpretação dos sonhos", de 1900 até 1920.

Freud retorna, assim, ao que, no *Projeto*, fora descrito no âmbito da série de conseqüências da vivência de dor, justamente ao que havia sido deixado de lado do capítulo 7 em diante. No *Projeto*, estava formulada de modo claro a idéia de que a reocupação das representações hostis e a liberação de desprazer decorrente não podiam ser evitadas enquanto o eu não adquirisse domínio sobre essas representações, isto é, enquanto sua quantidade não fosse ligada<sup>4</sup>, domínio que seria obtido apenas após sucessivas tentativas por parte do eu. (CAROPRESO e SIMANKE, 2006, p. 1).

---

<sup>4</sup> Comento sobre a oposição entre energia livre e ligada nas p. 24 e seguintes.

Como descrito acima, para Caropreso e Simanke (2006), em “O projeto de uma psicologia”, uma dominância do princípio de prazer sobre o aparelho psíquico só poderia atuar de forma efetiva na tentativa de evitar o desprazer, evitar que a tensão presente no aparelho fosse alterada por uma invasão de excitação, quando a energia estivesse ligada a representações a serviço do *eu*. O aparelho psíquico, uma vez tendo domínio sobre as quantidades de energia, pode mobilizar e administrar tal energia por meio do processo primário: condensação e deslocamento.

Para Caropreso e Simanke (2006), a conclusão que Freud chegou acerca da função da compulsão à repetição e de como esta função se relacionaria ao funcionamento do princípio de prazer é a de que:

Para que este último possa iniciar seu domínio, haveria uma tarefa prévia a ser realizada: transpor a excitação do estado livre para estado ligado, ou seja, dominá-la, submetê-la a um outro regime de funcionamento e de circulação. Os processos regidos pela compulsão à repetição teriam, assim, a função de ligar a excitação; só após essa ligação, o princípio de prazer poderia passar a vigorar (CAROPRESO e SIMANKE, 2006, p. 1).

Caropreso e Simanke (2006) afirmam que não apenas já é possível encontrar traços do desenvolvimento do conceito de compulsão à repetição em "Projeto de uma psicologia" de Freud (1953/1950), como também que esta função da compulsão à repetição de ligação da excitação já estaria presente na terceira parte desse texto.

No entanto, o Projeto é publicado apenas em 1950, após a morte de Freud, e segundo Gay (2001), está publicação, em conjunto com as cartas a Fliess, se dá à revelia de Freud, que não concordou com a publicação quando essas cartas foram encontradas. Nas mesmas cartas que acompanham o projeto em sua publicação, Freud admite, poucos meses após ter enviado os cadernos do “Projeto de uma psicologia” a Fliess, que havia desistido das idéias contidas nele. A aproximação e desenvolvimento maior dessas idéias presentes nesses manuscritos seriam precisamente de 1920 e estariam em "Além do princípio de prazer", ou seja, desde o capítulo 7 de "A interpretação dos sonhos" até a publicação do último texto, a dominância do princípio de prazer sobre o aparelho psíquico pode ser entendida como plena na obra de Freud.

Concordo com Caropreso e Simanke ao afirmarem que a possível função da compulsão à repetição seria a de dar ligação a excitação, essa função possa ou não ser extraída de um texto não publicado pelo próprio Freud e anterior ao que no geral se considera a criação efetiva da psicanálise. Lembro também que em “O projeto de uma psicologia”, a argumentação de Freud (1953/1950) tem uma ênfase biológica superior a que costumamos observar em seus textos posteriores e muitas das idéias encubadas nesse texto se apresentam com explicações reduzidas a aspectos apenas morfológicos do sistema nervoso. Em “Além do princípio do prazer”, Freud (2006/1920) também escreve com certa ênfase em explanações que recorrem à biologia, porém nesse último texto essas conjecturas se mostram em menor escala que em “O projeto de uma psicologia”, além disso, as aproximações morfológicas apresentadas em 1920 ganham um tom de analogia que não era evidente no texto anterior.

Ainda sobre a possível função da compulsão a repetição, gostaria de ressaltar que esta função não seria seu motivo de existir, ocorrendo, pois, ao se repetirem, os eventos que contrariam o princípio de prazer trariam consigo uma nova oportunidade de representação para a quantidade de energia que se reapresenta. O excesso de estimulação, que insiste em reeditar-se em novos eventos, contraria o domínio do princípio de prazer, não em busca de ligação, mas porque o princípio de prazer não pode atuar por meio dos mecanismos do processo primário e evitar que a tensão no aparelho aumente enquanto a energia não esteja ligada a uma representação<sup>5</sup>. Desse modo, uma possibilidade de ligação da energia, proveniente da nova estimulação em decorrência da compulsão a repetição, pode ser considerada como uma função desta compulsão – como fazem Caropreso e Simanke (2006) -, mas não se pode afirmar que a compulsão à repetição ocorra tendo como finalidade esta função. Com este olhar, seria mais apropriado se referir a uma nova possibilidade de representação que decorreria da compulsão à repetição como sua consequência e, assim, também sua função seria diversa a do princípio de prazer. Este último, como sabemos, opera com uma lógica clara em uma direção específica. Voltarei a discorrer sobre a compulsão à repetição e sua ocorrência ao acaso adiante, mas adianto que, esta compulsão não ocorre com objetivo algum, apenas ocorre vez após vez atualizando-se a cada passo, mesmo que nesse processo possa favorecer que a quantidade de energia que a evocada por ela seja representada.

---

<sup>5</sup> Como sabemos, os mecanismos do processo primário atuam apenas em representações.

### 1.3 A compulsão à repetição em sua oposição ao processo primário e secundário.

Freud (1953/1900), no capítulo 7 de "A interpretação dos sonhos", definiu o processo primário como o modo de funcionamento seguido pelo Ics. em oposição ao processo secundário, Pcs./Cs. Para Freire (2000, p. 1), o livro "A interpretação dos sonhos" pode ser considerado o marco inaugural tanto da Psicanálise, quanto do inconsciente freudiano, no qual Freud não apenas apresentou o inconsciente, como também formulou mecanismos que descreveriam seu funcionamento, "dois mecanismos básicos: a condensação e o deslocamento". Estes mecanismos, juntamente com a capacidade de figurabilidade, descreveriam o modo como as representações inconscientes operaram no aparelho psíquico e comporiam o processo primário.

O mecanismo da condensação seria o modo pelo qual, no Ics., uma idéia pode aglutinar em si outras e, o deslocamento, o de que uma idéia possa deslizar seu significado até uma segunda. Lacan (1978) correlaciona esses dois últimos processos respectivamente à metáfora e à metonímia ao trazer estruturas da lingüística para descrever o Ics. como estruturado como uma linguagem, ou seja, obedecendo às mesmas regras que a última.

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de sobreimposição dos significantes onde a metáfora se origina, (...). A *Verschiebung* ou deslocamento, é mais perto do termo alemão, essa virada da significação que a metonímia demonstra e que, desde o seu aparecimento em Freud, é apresentada como o meio mais eficaz de que dispõe o inconsciente a fim de burlar a censura (LACAN, 1978, p. 242).

No texto de Lacan a energia não ligada a um significante, não representada, não poderia ser alvo do processo primário. Tudo aquilo que estaria sob jurisdição do processo primário estaria também ligado aos significantes (ou representantes de representação, ou representantes representativos). Freud (2004/1911), em "Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico", assim como já o fizera na "Interpretação dos sonhos" publicado em 1900, apresenta o processo primário como o modo de funcionamento particular do sistema Ics. e afirma que este processo estaria sob total domínio do princípio de prazer, ou seja, uma tendência do aparelho a obtenção de prazer, diminuir a estimulação e evitar desprazer que resultaria do aumento da quantidade de estímulos. Freud formula também o princípio de realidade que atuaria no sentido

de se poder adiar a obtenção de prazer por certo tempo e que assim regularia o primeiro princípio e evitaria que o organismo não sobrevivesse ao se entregar a uma satisfação meramente alucinatória,

(...) tornou-se necessário poder postergar a remoção motora desses estímulos (o agir), o que foi viabilizado pelo *processo do pensar*. Esse pensar formou-se a partir do próprio ato de conceber mentalmente e foi dotado de características que possibilitaram ao aparelho psíquico suportar o aumento da tensão decorrente do acúmulo de estímulos durante esse postergamento. O pensar é, em essência, um agir por ensaio deslocando pequenas quantidades de cargas de investimento em condições em que há o menor dispêndio (remoção) delas (FREUD, 2004/1911, p. 67, grifo do autor).

O aparente controle que exerce o princípio de realidade sobre o princípio de prazer não o despoja de seu controle sobre a vida psíquica, ele somente protege o organismo adiando a satisfação.

(...) um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido (FREUD, 2004/1911, p.68).

Segundo Freud (2004/1911), o princípio de realidade seria o modo de funcionamento próprio do processo secundário, que opera nos sistemas Pcs - Cs. Destaco do texto que Freud afirma - ao relacionar o princípio de prazer ao Ics. enquanto atribui aos outros dois sistemas uma correlação com o princípio de realidade - que não se devem aplicar os padrões presentes no teste de realidade a representações recalçadas. Freud utiliza essa advertência para escrever sobre como nas neuroses à formação dos sintomas pode ter origem em uma fantasia e sobre não importar que um crime nunca tenha ocorrido para que o neurótico desenvolva o sentimento de culpa.

Freud também formulou outros princípios que não apenas os de prazer e de realidade, um destes é o de constância que aparece em “Pulsões e destinos da pulsão”, de 1915. Segundo esse princípio, seria uma função do sistema nervoso se livrar da estimulação que chega a ele e o

princípio de constância atuaria na tentativa de manter tal sistema com seu nível de estimulação o mais baixo possível.

(...) os fatos que nos levaram a crer na hegemonia do princípio de prazer na vida psíquica também remontam a suposição de que o aparelho psíquico teria uma tendência a manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante. Como se nota, esta não deixa de ser outra formulação do princípio de prazer, pois, se o trabalho do aparelho psíquico visa manter a quantidade de excitação em nível baixo, então tudo aquilo que for suscetível de aumentá-la será necessariamente sentido com adverso ao funcionamento do aparelho, isto é como desprazeroso. O princípio de prazer deriva do princípio de constância (...) (FREUD, 2006/1920, p. 136).

Em “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1953/1924) afirma que se utilizou de uma terminologia sugerida, segundo ele, por Barbara Low, para designar uma ‘tendência no sentido da estabilidade, de Fechner’, esse seria outro princípio, o de Nirvana. O princípio de Nirvana também aparece em “Além do princípio de prazer” e Freud (1953/1924) afirma que inicialmente o identificou com o princípio de prazer, porém um pouco mais adiante no texto de 1924 ele correlaciona ao princípio de Nirvana as tendências da pulsão de morte, ao princípio de prazer as exigências da libido e ao princípio de realidade as pressões do mundo externo.

Apesar de Freud defender como uma característica universal das pulsões as mesmas tenderem a restabelecer um estado anterior agindo como compulsão à repetição<sup>6</sup>, ele correlaciona à pulsão de morte ao princípio de Nirvana que anteriormente era utilizado por ele com a mesma definição daquela do princípio de prazer. Em “Além do princípio de prazer” se encontra a seguinte construção de Freud:

(...) um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência da pulsão de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante da vida psíquica, ou talvez da vida nervosa em geral, seja, tal como expressa o princípio de prazer, o anseio por reduzir, manter

---

<sup>6</sup> Discurso sobre as pulsões como anseio de retorno no capítulo 3.

constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos (o princípio de Nirvana (...)) (FREUD, 2006/1920, p. 176, grifo meu).

Minha surpresa aqui é por existir uma aparente correlação entre aquilo que está além do princípio de prazer (a compulsão a repetição) e especificamente as pulsões de morte. Embora, em 1924, Freud apresente uma distinção entre o princípio de prazer e o princípio de Nirvana, tal discrepância entre as duas expressões ainda não existe no texto de 1920. Como se pode notar na citação anterior, a pulsão de morte - diferente da compulsão à repetição que estaria relacionada igualmente às duas pulsões – não se opõe ao princípio de prazer, antes disso, esta pulsão poderia ser entendida como seu limite último, o Nirvana tal qual é definido em 1924, ou seja, a suspensão completa de toda estimulação.

Penso que, o que aqui se situa como primário no interior do indivíduo reúne, sob uma mesma bandeira, tendências dificilmente conciliáveis: redução das tensões a zero (Nirvana), tendência a morte, auto-agressividade, busca do sofrimento e do desprazer. Do ponto de vista econômico, a principal contradição consiste em atribuir a uma mesma e única “pulsão” a tendência a supressão radical de toda tensão, forma suprema do princípio de prazer, e a busca masoquista do desprazer que, com toda lógica, só se pode interpretar como um aumento da tensão (LAPLANCHE, 1970, p. 146).

Desse modo, segundo Laplanche (1970), há uma contradição do ponto de vista econômico relacionada à idéia de pulsão de morte, a de que se podem relacionar a tal pulsão duas tendências opostas. Suponho que, a primeira dessas tendências, o Nirvana, pode-se qualificar como um extremo do princípio de prazer, como diz Laplanche em seu texto. Não desconsiderando a ressalva imposta pela segunda tendência, aumento da tensão pela “busca masoquista do desprazer”, como um complexo paradoxo que aparentemente acompanha a idéia de pulsão de morte, penso que, de forma diferente dessa idéia, que parece assim, em parte não se opor ao princípio de prazer, a inclusão da idéia de compulsão à repetição alteraria significativamente a metapsicologia freudiana do ponto de vista econômico. Tal compulsão se estabelece como um funcionamento presente no aparelho psíquico que seria mais primitivo que o modo de operação do psiquismo seguindo o princípio de prazer, e em oposição a este por



aumentar a estimulação. Ela estaria, assim, efetivamente além deste princípio – ou, talvez, aquém dele -, e diferente do último pode atuar sobre energia não representada e, quiçá, com a função de ligá-la. Deste modo, suponho que a maior alteração econômica que parece sofrer o aparelho psíquico seria a passagem de um funcionamento no qual a energia - proveniente de excitações que invadem o aparelho e o retiram da homeostase - tende a permanecer ativa exigindo a repetição das experiências que levaram a tal estimulação até que essa energia possa ser ligada, representando-a, para outro funcionamento que seguiria o princípio do prazer, ou seja, a passagem de um modo de operação do aparelho psíquico em que a energia não está ligada a outro modo, no qual está.

Segundo Laplanche (1970), Freud atribui a Breuer a introdução na psicologia a oposição entre energia livre e ligada que utilizou, sendo que, o que Freud nomeava como energia livre, ele relacionava a idéia de energia cinética em Breuer, energia que teria mobilidade no sistema nervoso, Já a energia ligada para Freud corresponderia à energia quiescente de Breuer, ou energia que se encontra em repouso.

O que encontramos em Freud (2004/1911), é que ele relacionava a energia livre, ou livremente móvel, ao princípio de prazer e, conseqüentemente, ao processo primário e ao Ics. enquanto a energia ligada seria própria ao princípio de realidade e ao processo secundário. No entanto, segundo Caropreso e Simanke (2006), em “O projeto” Freud (1953/1950) apresentava as conseqüências da vivência de dor em conjunto com as de satisfação como participantes do processo primário. Já no capítulo sete de “A interpretação dos sonhos”, Freud (1953/1900) abandona as experiências de desprazer como participantes nesse processo.

(...) tudo se passa como se apenas as conseqüências da vivência de satisfação fossem mantidas na teoria nesse momento: Freud deixa de lado as conseqüências iniciais e os processos primários relativos à vivência de dor. Só o processo primário relacionado à vivência de satisfação parecer ser explicitamente considerado (...) (CAROPRESO e SIMANKE, 2006, p. 1).

Os autores Caropreso e Simanke (2006) correlacionam às conseqüências da vivência de dor com o que será levantado por Freud (2006/1920), em “Além do princípio de prazer”, como

trauma. Este último seria o rompimento de uma camada cortical protetora que teria como consequência um grande contra-investimento de energia - ou nas palavras dos autores uma contra-ocupação – que se esforça por ligar a excitação atuante no trauma e que é sentida como desprazer. É na última afirmação que estes dois autores se fundamentam para supor a ligação da excitação como função da compulsão à repetição. Destaco aqui, que, o princípio de prazer efetivamente atua sobre energia livre, mas, suponho que, a idéia de compulsão à repetição – tal qual Freud (2006/1920) a defende em “Além do princípio de prazer” – caracteriza um tipo de energia livre inteiramente novo<sup>7</sup>. Diferente da energia livremente móvel que está sob domínio do princípio de prazer, a energia, também livre, que se relaciona a compulsão à repetição é livre, não apenas por sua capacidade de mobilidade, mas em oposição à energia representada, deve ser entendida aqui como não ligada à representação.

Assim, além das propriedades da economia psíquica que aparecem na obra de Freud antes 1920, outra qualidade de energia deve ser considerada como participante dos processos existentes no aparelho psíquico. De um lado o processo primário e secundário, compostos por energia livremente móvel e energia em repouso e de outro uma energia livre de ligação às representações. Nesta dissertação adoto a terminologia energia ligada/não ligada para a existência ou não de ligação a uma representação para determinada quantidade de energia, enquanto utilizo as expressões energia livremente móvel ou energia em repouso para designar as especificidades da energia que compõem o processo primário e secundário, a energia que participa destes dois processos é entendida, desse modo, como ligada (representada). Figueiredo (1999) apresenta uma análise sistemática do texto “Além do princípio de prazer”, de Freud (2006/1920), feita por Renato Mezan em que, este último autor, separa a repetição em duas modalidades:

(...) ambas estariam articuladas a questão do domínio (ou falta de domínio) das excitações, à tarefa (mal ou bem sucedida) de submetimento das energias livres. Tratar-se-ia seja de (a) repetindo, procurar ligar as energias que não foram ligadas em decorrência de sua traumaticidade (casos de “neurose traumática”), seja de (b) simplesmente repetir – dada a impossibilidade de expressá-las de outra forma – as energias que foram mantidas desligadas – no *Inconsciente*, sob o regime

---

<sup>7</sup> Aqui vale lembrar que o projeto só foi publicado em 1950.

do processo primário – por conta de um processo de repressão (caso das “neuroses de transferência”) (FIGUEIREDO, 1999, p. 43).

Embora sob o domínio do princípio de prazer a energia possa ser mobilizada quando as representações ligadas a esta energia são alvo de condensação e deslocamento, ainda assim tal transformação não influenciaria tanto o aparelho psíquico do ponto de vista econômico quanto à ligação da energia, suponho. Enquanto que, essas transformações da energia livremente móvel direcionadas pelo princípio de prazer, talvez, tenham uma influência maior sobre a dinâmica do aparelho que as influências das excitações que atuam nos fenômenos da compulsão à repetição. A idéia dessa compulsão à repetição atuando sobre o aparelho psíquico não retira a ênfase que existia até então sobre o domínio do princípio de prazer, regulado pelo princípio de realidade, no funcionamento do aparelho psíquico. Afirma, sim, que existiria também outra força operando no aparelho que coage os indivíduos a repetirem experiências de desprazer.

Provavelmente na metapsicologia freudiana não existem somente modificações que se relacionam à introdução da compulsão de repetição, das quais venho falando, de como funcionaria o aparelho psíquico do ponto de vista econômico, mas também há algumas alterações na própria tópica. Ao pensar em como a idéia de compulsão à repetição se posicionaria na primeira tópica freudiana - Ics, Pcs, Cs – poder-se-ia localizar a função desempenhada pela compulsão à repetição como algo aquém do funcionamento do sistema Ics., que essa compulsão de certa forma teria uma interação com os componentes desse sistema, mas ainda estaria a margem, já que o mesmo era descrito até então operando pelo processo primário. A compulsão à repetição remontaria a um nível de funcionamento primitivo tal que poderia se localizar na borda do sistema Ics. e do arcabouço teórico que define a primeira tópica ou mesmo como exterior a este último. Cogito que, dessa forma, é possível que a energia que invade o aparelho na repetição sempre seja percebida como nova, ou melhor, como *estranha*<sup>8</sup>. Freud (2006/1915) na terceira parte de “O inconsciente” afirma que efetivamente as pulsões só pertenceriam a um ou outro sistema se ligadas a uma idéia (representação).

Penso que de fato uma oposição entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões. Uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da

---

<sup>8</sup> No sentido de ‘*Unheimlich*’, ver próximo capítulo, p. 31.

consciência, isto só é possível para a idéia que representa essa pulsão na psique. Mas, em rigor, também no inconsciente essa pulsão só pode ser representada por uma idéia. Ou seja, se uma pulsão não aderisse a uma idéia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos. Se, no entanto, mesmo assim utilizamos até aqui expressões como “impulso pulsional inconsciente” ou “impulso pulsional recalçado”, devemos agora esclarecer que, apesar de inofensivas, se trata de expressões imprecisas. É mais do que óbvio que nesses casos estamos nos referindo a um impulso pulsional, cuja representação ideacional é inconsciente, nem poderíamos estar nos referindo a outra coisa (FREUD, 2006/1915, pp. 28-29, grifo do autor).

Freud deixa claro que uma pulsão não ligada a uma idéia, não participaria verdadeiramente do sistema inconsciente. Com a elaboração do conceito de compulsão à repetição temos um processo psíquico que contrariando o princípio de prazer traz à tona um afeto, que aumenta a estimulação no aparelho psíquico, sem que uma representação, ou idéia, esteja de fato ligada a esse montante de energia proveniente da pulsão. Ao utilizar o texto do “Projeto de uma psicologia” como referência poder-se-ia afirmar que a experiência desprazerosa que será repetida ocorre no sistema Cs. - em um nível que apenas envolve o aparelho perceptivo - e que, suponho, esta experiência seria registrada em alguma parte do sistema Ics., mas esse registro, talvez, não teria uma simbolização adequada, ou completa, e parte da energia continuaria sem um representante, não pertenceria realmente a esse sistema e sempre seria percebida como exterior, *estranha*. O que destaco aqui é que uma quantidade de energia que não tem uma representante psíquico nos sistemas Ics. ou Pcs. embora atue sobre o aparelho psíquico alterando sua economia e dinâmica, não tem uma participação efetiva em sua tópica, pois, mesmo que esta energia seja percebida pelo sistema Cs., não é exato afirmar que exista algum domínio da mesma por qualquer dos sistemas, ou seja, que ela participe de qualquer um destes como algo mais que percepção. Percebida, talvez de forma semelhante a um afeto desvinculado de sua representação.

Como se vê, o afeto aproxima-nos da pulsão “bruta” – definida como “descarga”. Mas seria mais justo dizer que o afeto é a subjetivação da pulsão da qual se retirou a “representação”. O afeto é, pois, realmente

“sentido” – e é contraditório falar em “sentimentos inconscientes”, já que um sentimento, por definição é experimentado (ASSOUN, 1996, p. 153)

A compulsão à repetição operaria como essa energia, ou impulso, não vinculada a uma idéia, que meramente é percebida pelo sistema Cs. como *estranha*, como sentimento de *estranho*, e nem a condensação, nem o deslocamento teriam como mobilizar esta energia até que a mesma fosse ligada. A primeira tópica poderia, possivelmente, ser insuficiente em seu desenho para conter os novos postulados a propósito de uma compulsão à repetição que versa sobre uma energia, que permanece atuante no aparelho psíquico antes de ser representada e que contrariando o princípio de prazer tende a aumentar a estimulação em tal aparelho.

Segundo Freud (2006/1920), o modo de ação da compulsão à repetição resulta em um aumento das estimulações que agem sobre o aparelho psíquico e, assim, esta se coloca de forma antagônica aos desígnios do princípio de prazer, entretanto, se uma função psíquica indireta - de reordenar a energia não ligada atualizando-a e possibilitar que a mesma possa ser representada e atuar desde então a serviço do princípio de prazer - possa ser atribuída a esta compulsão, não apenas a compulsão à repetição seria própria a um funcionamento mais primitivo que o processo primário, como também, de certa forma contribuiria para que o último venha a operar sobre o psiquismo.

Após ter falado um pouco sobre a suposição de a função da compulsão à repetição ser a de ligar a excitação é necessário desdobrar um pouco esse postulado. Uma vez que tento defender que os fenômenos da compulsão à repetição se relacionam a possibilidade de que a excitação seja ligada, também deve ser destacado que não é a compulsão à repetição que realiza tal ligação. A responsabilidade pelo enlace da excitação permanece como o *eu*, sendo que uma compulsão a repetir, talvez, apenas exija essa ligação.

Ao tentar traçar uma relação entre essas alterações metapsicológicas, resultantes das novas formulações acerca da idéia de compulsão à repetição, e as possíveis alterações práticas concernentes à inclusão dessa idéia de compulsão na teoria psicanalítica, poder-se-ia pensar em uma maior atenção dos psicanalistas a processos que se relacionem a energia não ligada, que se tenha no tratamento das neuroses de transferência um auxílio para que esta energia que se repete possa encontrar representação e passe a compor e ser utilizada pelo processo primário e

secundário. Suponho, desta forma, que um olhar mais detido por parte dos analistas sobre as manifestações da compulsão a repetição na clínica, muitas vezes tidas como trabalhando em prol da resistência ao tratamento, possa auxiliar na representação dessa energia.

Segundo Cabas (1988), em “Além do princípio de prazer” Freud divide três tempos diferentes para sua clínica. Um primeiro tempo, no qual se tratava de uma espécie de adivinhação, nessa clínica a interpretação visava preencher lacunas e solucionar a amnésia dos pacientes. No segundo tempo com a descoberta da transferência, tratava-se de descobrir as defesas e vencer a resistência ao tratamento. E em um terceiro tempo:

Finalmente, Freud constata a presença inofismável da repetição defrontando-se com o gozo que o traço unário comemora. Sua clínica muda. Não se trata já de uma reconstrução simbólica, e sim de uma construção onde o problema não é mais o de introduzir um significante, mas o de produzir um significante novo (CABAS, 1988, p.76).

Talvez auxiliar os pacientes a dar ligação à energia seja algo que os psicanalistas sempre tenham realizado e a nova idéia de compulsão à repetição de 1920 só viria a fornecer uma justificativa teórica sobre uma prática que já ocorria nos consultórios psicanalíticos da época. Apesar dessa última suposição, mesmo que os psicanalistas já se ocupassem em dar voz a essa energia que é rerepresentada nos fenômenos da repetição, uma vez que a idéia é formulada por Freud ela passa a compor o todo teórico psicanalítico e nos remete a ficar atentos às suas manifestações no tratamento das neuroses de transferência.

Trarei essas manifestações, bem como outras que ocorrem fora da clínica, no próximo capítulo. Ainda com relação à prática, de início, com minha participação em um Laboratório de pesquisa que estuda a neurose obsessiva, supus que a compulsão à repetição poderia ter uma forte relação com a compulsão que se manifesta nessa patologia. Esbocei essa hipótese mesmo ao estar advertido de que ambas as compulsões eram de uma ordem diferente e ao fim não encontrei uma relação da intensidade que esperava. A compulsão que aparece na neurose obsessiva, diferente daquela de uma repetição, compõe o sintoma e é de caráter simbólico, é constituída pelo deslocamento de uma ou mais representações e desse modo não se relaciona diretamente à compulsão à repetição ou à energia não ligada, embora possa se apresentar igualmente eficaz em

impelir o indivíduo a uma atuação. O ponto principal que marca a diferença entre as duas compulsões seria a compulsão que participa do ritual obsessivo - por ter seu conteúdo sexual original desvinculado de suas representações, que seriam deslocadas para a gama de idéias que virão a compor o pensamento obsessivo - estar voltada a obedecer aos desígnios do princípio de prazer, mesmo que o ato possa ser desprazeroso, ele encobriria uma representação que suscitaria um desprazer de outra espécie.

## **2 - Manifestações ou exemplos da compulsão à repetição, levantados por Freud.**

Os exemplos de manifestações em que podem ser encontrados traços da compulsão à repetição, citados por Freud (2006/1920) em "Além do princípio de prazer" compreendem:

- \* o jogo infantil;
- \* as neuroses de destino (compulsão de destino);
- \* os sonhos traumáticos e os de transferência;
- \* e a repetição durante a análise de experiência desprazerosas.

Falemos sobre cada um.

### **2.1 O jogo infantil.**

Em "Além do princípio do prazer", Freud (2006/1920) se refere à brincadeira de seu neto, que arremessava sucessivas vezes um carretel pronunciando "o-o-o" que segundo o autor corresponderia a palavra alemã "fort" (embora) e posteriormente puxava de volta para si o carretel pronunciando "da" (aí). Freud supõe que nesse jogo a criança revive uma situação em que (1) a mãe a deixa sozinha e (2) retorna depois de algum tempo. Freud afirma que talvez esta brincadeira estivesse em desacordo com o princípio de prazer - em que a tendência do organismo é procurar por prazer (diminuição da excitação) e evitar o desprazer (aumento da excitação) – por na primeira parte do jogo a criança reviver uma experiência desprazerosa.

A tal hipótese, Freud (2006/1920) elabora uma objeção que seria a de que a criança está revivendo nesse jogo uma experiência desprazerosa originalmente vivida de forma passiva, agora ativamente e obtendo prazer por poder controlar a situação. Freud também coloca uma segunda objeção, a de que a criança reviveria a experiência desprazerosa (carretel/mãe vão embora) para obter o prazer provocado pelo retorno do objeto (carretel/mãe retornam).



A essa segunda objeção, Freud contrapõe o fato de que inúmeras vezes apenas a primeira etapa da brincadeira seria realizada pela criança. A primeira objeção permaneceria, sendo que a mesma está em concordância com o princípio de realidade, de acordo com o qual o organismo pode suportar certa quantidade de excitação momentânea para a posterior obtenção de prazer. Apesar de essa primeira objeção permanecer inalterada, depondo contra a tese da existência de uma força psíquica que se oponha ao princípio de prazer, para Lacan (1998), o fato de a criança se posicionar como agente na situação em que sua mãe se ausenta é um fenômeno meramente secundário. Pelo atirar e puxar do carretel a criança revive a experiência devido a não simbolização do evento anterior, os outros fenômenos - como reviver uma situação passiva ativamente - embora ocorram não seriam a principal motivação deste evento.

É a repetição da saída da mãe como causa de uma *Spaltung* no sujeito – superada pelo jogo alternativo, *fort-da*, que é um aqui ou ali, e que só visa, em sua alternância, ser o *fort* de um *da* e o *da* de um *fort*. O que ele visa é aquilo que, essencialmente, não está lá enquanto representado – (...) (LACAN, 1998, p. 63, grifo do autor).

É a partir desse exemplo do jogo infantil que Freud começa a assinalar a possibilidade da existência da compulsão à repetição se colocar na economia do aparelho psíquico como uma força que, diferente do princípio de prazer atuaria rerepresentando material não representado. Aqui, eu chamaria a atenção para o fato de que para Lacan, como dito na citação anterior, disso que se repete aí, não é aquilo para o qual já há representação que o jogo do *fort-da* busca repetir, mas o que escapou a representação e é denunciado por cada etapa, ou seja, não se trata de algo que possa ser alvo do processo primário o determinante do jogo. Assim, com o retorno do carretel o que a criança repete é a mãe o deixando, enquanto que ao atirar o carretel a repetição é a de seu retorno. Dito de outra forma, o ato teatral completo, de atirar e de puxar o carretel, simula a presença e ausência da mãe, mas cada etapa específica não repete seu equivalente na cena original, repete seu oposto.

Freud (2006/1920) admite que as manifestações observadas no jogo infantil não são suficientes para comprovar suas formulações acerca da compulsão à repetição, passa então a levantar outros exemplos que talvez possam fazê-lo.

## 2.2. As neuroses de destino.

Segundo Freud (2006/1920), a neurose de destino estaria relacionada a fatos que inexplicavelmente acontecem varias vezes com a mesma pessoa. Esses acontecimentos causariam angústia, porém isso não acarretaria no desenvolvimento de formações reativas de sintoma como é característico das neuroses de transferência. Harari (1990) utiliza um exemplo do texto "O estranho", publicado por Freud em 1919, para exemplificar tais compulsões de destino.

O texto "O estranho" é relevante no desenvolvimento da idéia de compulsão à repetição, pois neste texto pela primeira vez Freud (1953/1919) utiliza a expressão compulsão à repetição em sua obra com o sentido que tal idéia terá a partir de "Além do princípio de prazer". No texto, Freud cita a compulsão à repetição ao se referir a que seria esse sentimento de estranho, de "unheimlich". Depois de uma pequena exposição dicionarista do termo "Unheimlich", Freud expõe que em sua evolução através de seus diversos significados, nos vários dicionários que cita, o sentido de "Unheimlich" acaba coincidindo com o de seu antônimo "heimlich" (familiar).

Freud (1953/1919) afirma que os fenômenos ocorridos em decorrência de uma compulsão à repetição seriam percebidos como *estranhos*, um sentimento de estranho que viria de um familiar que há muito foi esquecido. Não há muito mais sobre a compulsão à repetição nesse texto, mas Freud também afirma existir no inconsciente uma dominância anterior a do princípio de prazer inerente à natureza das pulsões e que esta seria suficiente para sobrepor este princípio e menciona o texto "Além do princípio do prazer", que segundo ele já estava concluído, para maiores detalhes.

Apesar de "O estranho" não tratar da compulsão à repetição diretamente, com exceção do já exposto, sendo mais precisamente um ensaio sobre o que seria "Unheimlich", podemos encontrar de forma indireta a compulsão à repetição no texto todo, como o exemplo de compulsão de destino citada por Harari (1990), no qual Freud, em uma viagem a Itália, ao andar sem direção pelas ruas se depara com mulheres de 'reputação duvidosa' às janelas e, para evitá-las, Freud dobra uma e outra esquina para se ver novamente no mesmo local, tenta outra vez se ver livre da situação e o mesmo volta a ocorrer e acaba retornando ao local onde havia começado sua pequena odisséia, contudo Freud só irá denominar de neurose de destino e relacionar com uma compulsão à repetição esses acontecimentos armados para se repetirem com a mesma pessoa

em 1920. Harari vai utilizar o exemplo em questão para mostrar que, para Lacan, a repetição ocorreria como que ao acaso,

O que se repete, com efeito, é algo que se produz – a expressão nos diz bastante sua relação com a *tiquê* – *como por acaso* (LACAN, 1998, p. 56, grifos do autor).

A repetição surgindo disfarçada como mera coincidência, no tropeço, diferente de um retorno do recalcado na repetição algo voltaria do passado como um fato novo recriando assim o há muito conhecido e dessa forma estranhamente *estranho* como aquilo que o texto de Freud busca definir.

Há algo que retorna do Real, que volta sempre ao mesmo lugar em termos de um encontro falho, abalando o estatuto subjetivo e abrindo a hiância por onde irrompe a interrogação: por que justamente comigo passa essa fatalidade? (HARARI, 1990, p. 89).

O termo “*tiquê*”, que surgiu há pouco, é retirado por Lacan (1998) do vocabulário de Aristóteles - e seria para Lacan o encontro com o real – juntamente com o termo “*autômaton*”, que Lacan define como a rede dos significantes.

O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer (LACAN, 1998, p. 56, grifo do autor).

Essa “*tiquê*”, encontro com o real, estaria relacionada ao modo como opera a compulsão à repetição em oposição ao princípio de prazer que atuaria como “*autômaton*”.

(...) não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida (LACAN, 1998, p. 56).

Os exemplos de compulsões de destino (repetições) trazidos por Freud (2006/1920) em "Além do princípio de prazer" dizem respeito aos relacionamentos de certas pessoas que levariam sempre à mesma resolução e ele afirma que surpreende muito pouco os casos em que isto ocorre

com pessoas que passariam ativamente por essa situação, mas que é mais surpreendente o fato de alguns casos em que tal 'destino maligno' parece ser vivenciado passivamente por algumas pessoas. Os exemplos para essa atuação passiva na repetição são o de uma mulher que por três vezes se casou com alguém que pouco depois adoeceu e ela teve de prestar cuidados a estes esposos até a morte destes; e um exemplo retirado do romance "Jerusalém Libertada" de Tasso, no qual o herói mata por duas vezes sua amada sem o saber, primeiramente quando ela está disfarçada entre soldados inimigos e posteriormente quando, enfurecido por descobrir seu erro, golpeia com sua espada uma árvore próxima na qual o espírito dela havia se fixado após sua morte.

### **2.3. Os sonhos traumáticos e os de transferência.**

Freud (1953/1900) faz no livro “A interpretação dos sonhos” uma introdução bibliográfica, na qual apresenta uma análise pormenorizada do material publicado até então acerca dos sonhos para, posteriormente, a partir de observações clínicas e principalmente as de si próprio, mostrar como a interpretação dos sonhos permitiria o acesso ao inconsciente e estabelecer o imperativo de que todo sonho é uma realização de desejo.

Em “Além do princípio de prazer, para Freud (2006/1920), esse imperativo já não seria verdadeiro quanto aos sonhos traumáticos - particularmente observados pelos psicanalistas da época<sup>9</sup> no estudo das neuroses de guerra - e os de transferência. Os últimos seriam compostos por conteúdos traumáticos infantis, e difeririam dos traumáticos apenas em relação a quando o trauma ocorreu. Freud (2006/1920) afirma que nenhum desses dois tipos de sonho pode mais ser definido como funcionando apenas como uma realização de desejos, ou seja, apenas sob o domínio do princípio de prazer, e assim estes obedeceriam à compulsão à repetição.

Entretanto, os já mencionados sonhos da neurose traumática, assim como os sonhos que durante as análises trazem de volta a recordação dos traumas psíquicos da infância, não podem mais ser definidos do ponto de

---

<sup>9</sup> Particularmente no período da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918), e logo após. Alguns dos autores que trabalharam a temática além de Freud, foram, por exemplo: Ferenczi e Abraham. Freud (1937/1953) também comenta os trabalhos de Rank acerca do trauma de nascimento.

vista da realização de desejo. Esses dois tipos de sonhos obedecem muito mais à compulsão à repetição, que durante a análise é reforçada pelo desejo – que nós estimulamos por meio da “sugestão” em sessões – de fazer ressurgir aquilo que foi esquecido e recalcado (FREUD, 2006/1920, p. 156).

Segundo Freud (2006/1920), as experiências repetidas nesses dois tipos de sonhos seriam traumas. Estas experiências seriam desprazerosas tanto no momento em que ocorreram pela primeira vez quanto quando revividas em sonho, sejam estes traumas infantis ou atuais. A partir disso Freud não pôde mais adequar tais sonhos à teoria da realização de desejos e, portanto, altera o imperativo de que todo sonho seja uma realização de desejos, contrapondo uma única exceção para essa afirmação, de que alguns sonhos obedeceriam a compulsão à repetição.

A compulsão à repetição parece colocar novamente em foco na teoria psicanalítica a dimensão do trauma. A idéia de que eventos traumáticos têm enorme influência sobre o psiquismo perde um pouco de sua força com o suposto abandono da teoria do abuso infantil real por Freud, em 1906. Com a formulação de que a excitação que invade o aparelho psíquico, em excesso suficiente para romper suas proteções, continuaria a exercer pressão sobre este aparelho em busca de ligação - ou seja, a compulsão à repetição opondo-se à tendência imposta pelo princípio de prazer - recoloca a perspectiva do traumatismo em foco. Como se pode observar o trauma desempenha um papel de destaque na reformulação que faz Freud sobre a idéia de compulsão à repetição. Cabe, pois, aqui, o comentário de Lacan de que:

A função da *tiquê*, do real como encontro – o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo (LACAN, 1998, p. 57, grifo do autor).

Freud (1953/1922) voltaria a mencionar os sonhos traumáticos em "Observações sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos", onde defende a idéia de que estes sonhos são exceções genuínas à afirmativa de que todo sonho seria apenas uma realização de desejo. Dez anos mais tarde, na “Conferência XXXII – Ansiedade e Vida Instintual”, Freud (1953/1932)

remete-nos outra vez a sonhos que recriam eventos passados desprazerosos.

Chamou-nos a atenção o fato de que experiências reprimidas e esquecidas da infância são reproduzidas, durante o trabalho da análise, nos sonhos e nas reações, particularmente naquelas ocorrentes na transferência, embora seu revivescimento vá de encontro ao interesse do princípio de prazer explicamos esse fato com a suposição de que, nesses casos, uma compulsão à repetição vence até mesmo o princípio de prazer" (FREUD, 1953/1932 p. 96).

Observa-se na citação acima que não apenas nos sonhos de transferência há a interferência da compulsão à repetição, como também nas outras reações transferenciais de pacientes durante o tratamento.

Há também outro tipo de sonho que é mencionado por Freud (2006/1920) em “Além do princípio de prazer”, os sonhos de punição, que segundo ele são exceções apenas aparentes ao imperativo da realização de desejo nos sonhos, da mesma forma como já havia exposto em “A Interpretação dos sonhos”. Apenas aparentes, pois, nestes sonhos há uma substituição completa de seu conteúdo latente, Freud supõe que este conteúdo é de tal modo aversivo a uma instancia crítica do *eu* que a censura ocorre mesmo durante o sonho e substitui seu conteúdo por outro punitivo como um modo de evitar a interrupção do sono.

(...) nem os “sonhos de medo”<sup>10</sup>, nem os “sonhos de punição” constituem exceções, pois esses últimos apenas substituem a realização proibida de um desejo pelo castigo correspondente. Em ambos os casos, portanto, trata-se da realização do desejo da consciência de culpa, a qual está reagindo contra uma pulsão moralmente repudiada (FREUD, 2006/1920, p. 156).

Nesse momento, Freud ainda não propusera a segunda tópica, mas ao considerá-la a

---

10 Também encontrado como “sonhos de angustia”, ou “sonhos de ansiedade”, dependendo da tradução consultada. Uma explicação do porque traduzir a palavra alemã ‘Angst’ por ‘Medo’ pode ser encontrada nos “Comentários do editor brasileiro”, de Luiz Alberto Hanns (2006), no prefácio da edição de “Além do princípio de prazer”, referenciada no presente trabalho.

mesma podemos tomar esses sonhos de punição como atendendo os imperativos do *supereu* e entender a consciência de culpa que está presente na citação anterior como uma manifestação desta instância por meio do sentimento de culpa que abordarei em maior detalhe posteriormente.

Para Caropreso e Simanke (2006), Freud descreveria como função dos sonhos que estão sob domínio do princípio de prazer, a de realização de desejo. Porém, se existe no psiquismo outra força, anterior e independente deste princípio, talvez com a função de dar ligação a energia, e, como já foi dito, apenas após esta ligação seria possível o mesmo princípio vigorar. Pode-se supor então que existiriam também sonhos com a última função descrita. Do mesmo modo, diz-nos Lacan:

Freud (...) indica que só podemos conceber o que se passa nos sonhos da neurose traumática ao nível do funcionamento mais primitivo – aquele em que se trata de obter a ligação da energia (LACAN, 1998, p. 53).

Para Freud (2006/1920) os sonhos que obedeceriam à compulsão à repetição seriam os traumáticos e os de transferência, como enfoquei até este ponto. No entanto, suponho que por meio de uma generalização destes casos em particular talvez possamos alegar que em todos os sonhos estão igualmente presentes, em seu conteúdo, tanto uma realização de desejo, como também uma parte destes poderia ser influenciada pela compulsão à repetição, que provoca a constante insistência da energia não enlaçada em reeditar-se.

#### **2.4. A compulsão à repetição e a transferência: experiências desprazerosas revividas durante o tratamento.**

Outro exemplo dado por Freud (2006/1920), presente em "Além do princípio de prazer", seria a repetição em análise de experiências que nunca trouxeram satisfação.

Na transferência todas essas ocasiões indesejadas e as situações afetivas dolorosas são repetidas e revividas pelo neurótico com especial habilidade (FREUD, 2006/1920, p.146) <sup>11</sup>.

Freud (2006/1920) destaca que as experiências revividas em transferência se atualizam e desta forma um novo estatuto seria dado a tal cena que desse modo não deve ser entendida como mera cópia do que ocorreu no passado e sim como novos fatos que tornam atual o conteúdo antigo. Metaforicamente, o quadro pintado pela compulsão à repetição é abstrato e nunca um retrato preciso. Harari (1990) traz uma advertência, a de que apesar da compulsão à repetição participar dos fenômenos da transferência, um conceito não coincide com o outro de forma equivalente, tanto a transferência quanto à compulsão à repetição se expandem na teoria de modo diverso, havendo influências de ambos sobre a vida psíquica.

Freud (2006/1920) também afirma que a compulsão à repetição "... durante a análise é reforçada pelo desejo - que nós estimulamos por meio da "sugestão" em sessões - de fazer ressurgir aquilo que foi esquecido e recalado" (Freud, 2006/1920, p. 156, aspas do autor). A partir disso podemos supor que apesar de tais experiências serem marcadamente desprazerosas, ainda assim, certo grau de satisfação pode acompanhar a repetição, mas as mesmas segundo Freud (2006/1920), ao serem revividas, se opõem ao desejo dos analistas de que o paciente apenas relembresse de experiências anteriores e não as revivesse e, deste modo, se colocariam como resistência e não auxílio ao tratamento. Resistência por esta repetição intervir no curso ótimo do tratamento quando o paciente atua em vez de apenas lembrar, mas esta compulsão à repetição não se coloca a serviço da defesa, embora esta última possa se beneficiar da mesma. É notável que:

Já no caso dos analisandos, fica claro que a compulsão a repetir na

---

<sup>11</sup> Ver primeira citação presente no capítulo 1, p. 15, que é uma continuidade do texto citado aqui.



transferência os acontecimentos do período infantil de sua vida se sobrepõe ao princípio de prazer em *todos* os sentidos. (FREUD, 2006/1920, p. 159, grifo do autor).

Ao relacionar os fenômenos da transferência com a repetição destaco que a primeira aparição da terminologia compulsão a repetição data da publicação do texto “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914. Nesse texto a compulsão a repetição é apresentada praticamente como correlata da transferência e a serviço da resistência.

Não demoramos a perceber que a transferência não é por si mesma, mais do que uma repetição, e a repetição, uma transferência do passado esquecido, não apenas para com o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação presente. Devemos estar preparados para que o paciente se entregue à compulsão à repetição que substitui o impulso a recordar, não apenas no que afeta sua relação com o médico, mas também em todas as outras atividades ou relacionamentos que ocorrem nesse momento em sua vida (...). Também não é difícil reconhecer o papel desempenhado pela resistência. Quanto mais intensa esta é, mais amplamente será substituída a recordação pela ação (repetição) (FREUD, 1953/1914, p. 142).

Freud (1953/1914) esboça essa compulsão à repetição nesse primeiro momento como se ela se expressasse efetivamente como uma defesa frente ao conteúdo do recalado, uma vez que o paciente teria desprazer ao recordar, ele repete, atua, apenas para evitar o desprazer que estaria relacionado à recordação, a essa repetição que busca encobrir uma representação desprazerosa se correlaciona o que se convencionou nomear “acting out”. Essa repetição não contraria o princípio de prazer, segundo Freud (2006/1920, p. 145), o desprazer suscitado por essa compulsão à repetição “é ao mesmo tempo desprazer para um sistema e prazer para o outro”. Freud voltaria a referir-se a tal compulsão à repetição que estaria de acordo com o princípio de prazer no início do terceiro capítulo de “Além do princípio de prazer”, porém:

O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do

passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado (FREUD, 2006/1920, p. 145-146).

Como aparece aqui, embora o próprio Freud não separe completamente as novas definições que supõe para a compulsão à repetição em “Além do princípio de prazer” daquela definição que aparecia no texto de 1914, ele efetivamente nomeou com a mesma terminologia um fenômeno defensivo que participaria da transferência apenas enquanto resistência ao tratamento e um processo que atua no aparelho psíquico em oposição direta ao princípio de prazer e que não se expressaria apenas como resistência ao tratamento, mesmo que, sim, em grande parte se relacione à transferência. Exceto nos últimos parágrafos, me refiro sempre a esse processo independente do princípio de prazer quando cito a idéia de compulsão à repetição nesta dissertação e deixo de lado essa repetição que aparece em “Recordar, repetir e elaborar” como fenômeno da transferência ligado a resistência ao tratamento.

No início do texto, Freud (1953/1914) apresenta, ao inventariar historicamente o percurso do desenvolvimento da técnica psicanalítica, a existência de experiências que ao ocorrerem em uma “infância muito remota” não são entendidas pelo sujeito imediatamente, mas que ganham significação posteriormente. Ele diz que fará um exame detalhado em um trabalho posterior, mas nesse texto em particular ele não parece traçar relação entre essas experiências não representadas e a compulsão à repetição que é formulada no mesmo texto. Essa relação é descrita apenas em “Além do princípio de prazer”, ao compreender tal relação a partir da idéia de compulsão à repetição presente no texto de 1920, pode-se encontrar exemplos dessas experiências nos casos de Freud desde os primeiros que foram publicados, como no caso Catarina que está nos “Estudos sobre a histeria” de 1895.

Ao me referir a como é possível encontrar novos exemplos, de idéias criadas em determinado momento da obra de Freud, em textos deste autor que são anteriores a estas idéias serem efetivamente publicadas, tento mostrar que, embora Lacan (1998) consiga, genialmente - ao citar “Recordar, repetir e elaborar” no quarto capítulo de seu “Seminário 11” - por meio de um retorno as idéias contidas nesse texto de Freud (1953/1914), encontrar no real que há no ato (“acting out”) essa falta de significação que seria própria da compulsão à repetição tal qual é

definida em “Além do princípio de prazer”, eu não encontro possibilidade de que isso possa ser inferido no texto de 1914 sem que tal elaboração tenha como inspiração o texto de 1920. Irei utilizar essa elaboração que encontra no ato em si - naquilo que tange a um encontro com o real do ato, a *tiquê* - uma construção plausível acerca de como isso que se remete a uma energia que está ligada (a compulsão na neurose obsessiva) e, ainda assim, se expressaria como repetição, para retomar a hipótese que abandonei no capítulo anterior acerca de existir uma relação entre a compulsão à repetição e a compulsão presente na neurose obsessiva.

A compulsão presente no rito obsessivo se relacionaria perfeitamente à compulsão à repetição tal qual está é definida em “Recordar, repetir e elaborar”, caso separemos essa repetição daquela que é definida em “Além do princípio de prazer”. Desse modo, o ritual obsessivo se mostraria como repetição, ou especificamente como retorno em ato do material que foi alvo do recalque.

De modo diverso, se for enfocada tal relação considerando a definição de compulsão à repetição que aparece no texto de 1920, só se poderia encarar a compulsão obsessiva como correlacionada à compulsão à repetição na medida em que a satisfação pulsional pelo ato obsessivo que se expressa aí é de uma pulsão que foi separada de sua representação. Uma vez que isso ocorra, a energia proveniente dessa pulsão em busca de descarga, teoricamente, se encontraria outra vez em não ligada e esse ato, igualmente às outras manifestações da compulsão à repetição, se mostraria ao aparelho psíquico como *estranho* e com a mesma força coagiria o neurótico obsessivo à repetição. Embora estas duas compulsões se assemelhem, elas não seriam equivalentes, pois uma delas está, mesmo com as considerações aqui apresentadas, a serviço do princípio do prazer e da defesa.

## **2.5. Objeções de que tais exemplos efetivamente componham uma nova idéia de compulsão à repetição.**

Freud (2006/1920) faz diversas objeções a todos os exemplos de manifestações da compulsão à repetição que ele mesmo propôs e afirma que nenhum dos casos isolados fornece dados confiáveis para descartar a dominância do princípio de prazer sobre o aparelho psíquico e supor a existência de uma compulsão à repetição. Freud afirma que em todos os casos outros fatores estão envolvidos, excetuando, talvez, os sonhos traumáticos.

Como já exposto, no jogo infantil estão presentes outros impulsos que tomariam parte do jogo e proporcionariam satisfação, para tal, bastaria que voltássemos nosso olhar para a função lúdica, do jogo e do objeto, que não cessa de existir mesmo quando apenas a primeira parte do jogo é executada. E no exemplo citado, mesmo que isso seja um fenômeno secundário, ainda assim não pode ser descartado o fato de a criança se colocar em uma posição de controle da situação de presença e ausência ao encená-la.

A compulsão à repetição que aparece na transferência durante o tratamento de pacientes neuróticos acaba por ser colocada a serviço da resistência ao tratamento, embora não da forma com que Freud relacionava a compulsão à repetição a resistência e a defesa em “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914.

As compulsões de destino podem ser fácil e arbitrariamente atribuídas a outros determinantes ou simplesmente seus fenômenos podem ser considerados irrelevantes para se supor um processo como a repetição atuando no aparelho.

Mesmo com essas objeções que o próprio Freud (2006/1920) antecipa contra a existência da repetição, ao considerar todas essas manifestações em conjunto, ele afirma que várias lacunas na teoria anterior ficariam expostas, o que tornaria possível (ou necessário) e justificável a construção da hipótese de que no aparelho psíquico opere outro processo que é anterior e mais primitivo que o modo de funcionamento segundo o princípio de prazer. Anterior por ser um funcionamento que precede o princípio de prazer no desenvolvimento do aparelho e mais primitivo por anteceder-lo evolutivamente e antropológicamente. Tal modo de operação do aparelho psíquico obedeceria a essa compulsão à repetição que coagiria o indivíduo a repetir uma

experiência, a atualizá-la, mesmo que esta fosse desprazerosa e mesmo que esta repetição não traga consigo uma satisfação quando revivida.

### **3 - Uma nova dualidade pulsional.**

Em "Além do princípio de prazer", Freud (2006/1920), não apenas formula acréscimos à idéia de compulsão à repetição, como também traz outra alteração teórica, na qual admite a existência das pulsões de morte que formuladas como pulsões em constante conflito com as de vida se apresentam como a nova dualidade pulsional que passa a existir na Psicanálise a partir de 1920. Essa nova dualidade substituiu, ou nesse caso complementou a teoria das pulsões desenvolvida até então por Freud, visto que a dualidade pulsional pré-existente não foi abandonada, mas incorporada aos novos postulados.

#### **3.1 A compulsão à repetição e as pulsões de vida e morte.**

A dualidade pulsional existente na teoria psicanalítica que precedia a oposição pulsões de vida/pulsões de morte era entre as pulsões do Ego ou de conservação e as pulsões sexuais. Posteriormente, Freud (2006/1920) evidencia que já havia notado a possibilidade de que no Ego também haveria energia libidinal e que com essa constatação se tornava difícil manter a oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões conservadoras apenas por sua forma de energia, as duas pulsões agindo por meio da libido.

Freud (2006/1920) agrupa essas duas pulsões, do Ego e sexuais, sobre o nome de pulsões de vida e traça uma nova oposição, dessa vez com as pulsões que em conflito com as primeiras visariam à destruição do organismo, nomeou estas de pulsões de morte. No entanto, manteve dentro do domínio das pulsões de vida a oposição pré-existente entre as pulsões sexuais que impulsionariam o indivíduo na direção da obtenção de prazer e as pulsões conservadoras que evitariam que o indivíduo consumisse a si mesmo na busca incessante de satisfação.

Freud (1953/1930, p. 63) define as pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte (Tanathos) que operam no aparelho psíquico em termos de seu antagonismo, seriam as pulsões de vida caracterizadas como uma “tendência a conservar a substância viva e condensá-la em unidades cada vez maiores”, enquanto que as pulsões de morte operariam como uma “tendência a

dissolver estas unidades e a retorná-las ao estado mais primitivo, inorgânico”.

Ao correlacionar essa nova ambivalência pulsional (vida versus morte) ao conceito de compulsão à repetição, Freud (2006/1920) expõe que uma característica universal das pulsões seria estas operarem como um impulso interno do organismo que busca restabelecer um 'estado anterior das coisas' que foi forçado a abandonar por perturbações externas. No capítulo IV de “Além do princípio de prazer” ele adverte que o que apresentará serão apenas suposições e faz uma exposição de como evolutivamente o sistema nervoso se especializou a partir de um proto-organismo, para minimizar os efeitos de estímulos provenientes do exterior. Tal exposição traça um caminho desde a membrana protetora que envolve os organismos unicelulares até sua posterior especialização em sistema nervoso central e prolongamentos perceptivos.

Nessa exposição Freud (2006/1920) postula que todo organismo tenderia a evitar todo o tipo de estímulo, diferentemente do que apresentava ao descrever o funcionamento do princípio de prazer, aqui esta fórmula tem um caráter absoluto, ou seja, todo organismo tende a total ausência de estímulo, ao inanimado, ao inorgânico, à morte.

A definição da pulsão de morte como uma tendência a restabelecer um estado anterior inorgânico ao relacioná-la a compulsão à repetição é de fácil compreensão na forma como está exposto no texto, o mesmo não é verdadeiro quando Freud (2006/1920) relaciona também as pulsões de vida a um retorno ou restabelecimento de um estado anterior. Para tal, Freud percorre um complexo caminho pelo qual uma vez que a vida passou a existir esta tenderia a repetir a si mesma, aglutinaria unidades cada vez maiores e promoveria o aparecimento de níveis de organização cada vez mais complexos. Como exemplo se poderia citar a forma como embriologicamente é possível acompanhar traços do processo de evolução das espécies pelo estudo do desenvolvimento embrionário de um único organismo mais complexo.

As pulsões de vida teriam um desenvolvimento posterior ao das pulsões de morte, estas últimas estariam presentes em todos os organismos desde o início, e nos primeiros aparecimentos dos primeiros organismos o seu objetivo final, a morte, foi rapidamente alcançado. No entanto, uma vez que a vida também tenta se repetir em suas etapas aglutinando-se em unidades maiores e mais complexas, as pulsões de vida se colocariam em oposição ao destino de morte originário e a tendência de todo organismo à morte seria atrasada pela repetição de etapas para alcançar esse

fim que as pulsões de vida exigem.

(...) Eros, por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la (FREUD, 1976/1923, p. 55).

Dessa forma, as duas pulsões tenderiam ao retorno a um estado anterior e funcionariam primeiramente seguindo uma compulsão à repetição, mesmo que sua atuação posterior se dê obedecendo ao princípio de prazer, principalmente no caso das pulsões de vida, ainda assim ambas agiriam como repetição. As pulsões de morte, de maneira mais evidente, atuariam como uma tendência de restabelecer o estado inorgânico e as pulsões de vida como uma tendência a replicar a vida; que surgiu no passado e, sob a influência de Eros, tende a tornar-se cada vez mais complexa e assim preservar-se.

Mas, então, qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir? Nesta altura, talvez estejamos na pista certa para descobrir uma característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral - a qual acredito que até hoje não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. *Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente interna ao organismo vivo que visa restabelecer um estado anterior* que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica (FREUD, 2006/1920, p.160, grifo do autor).

Da concepção da compulsão à repetição como uma característica universal das pulsões, ambas como uma busca por restabelecer um estado anterior, se extrai a acepção de que a função última de tal compulsão é a total fuga das excitações do meio, a tendência ao inanimado (pulsões de morte), mas também uma maior complexidade e prolongamento da vida para alcançar este fim (pulsões de vida).



Agindo dessa maneira, ambos os instintos seriam conservadores no sentido mais estrito da palavra, visto que ambos estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. O surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte (FREUD, 1976/1923, p. 56).

Esse novo desenvolvimento das pulsões como ânsia de retorno a um estado anterior pode parecer de fácil assimilação para quem está familiarizado com a teoria das pulsões de morte, mas Freud não deixa de ressaltar que costumamos pensar justamente o oposto acerca das pulsões, ou seja, que estas impeliriam o organismo sempre a algo novo.

Esta concepção de pulsão pode causar algum estranhamento, pois estamos habituados a ver a pulsão como o fator que impele à mudança e ao desenvolvimento, enquanto que agora temos que reconhecer nela justamente o contrário: a manifestação da natureza conservadora do ser vivo (FREUD, 2006/1920, p.160).

Freud (2006/1920) encontra essa direção à novidade, que erroneamente podemos atribuir às pulsões, de um modo inesperado, no recalque.

A pulsão recalçada jamais renuncia à sua completa satisfação, a qual consiste na repetição de uma experiência primária de satisfação. Todas as formações substitutivas ou reativas, bem como as sublimações, são insuficientes para remover sua tensão contínua. . É da diferença entre o prazer efetivo obtido pela satisfação e o prazer esperado que surge o fator impelente que não vai permitir ao organismo estacionar em nenhuma das situações estabelecidas (...) (FREUD, 2006/1920, p. 165).

A partir da correlação das pulsões de vida com a compulsão à repetição, também como uma tendência a restabelecer um estado anterior, poder-se-ia afirmar que incluso o funcionamento psíquico que está sob dominância do princípio de prazer tem sua origem em uma compulsão à repetição e este princípio, de tal modo, também atuaria de forma a levar de volta o

organismo a um estado anterior. De qualquer forma, mesmo que a compulsão à repetição possa guardar certa relação com o princípio de prazer em sua função<sup>12</sup> indireta e mesmo que tal princípio de certa forma, também atue como retorno a um estado anterior; como já foi dito, em suas manifestações esses dois modos de operação, presentes no aparelho psíquico, se opõem mutuamente. Sejam quais forem às possibilidades de representação e enlace da energia que venham a ocorrer a partir dos fenômenos relacionados à compulsão à repetição, seu modo de ação resulta em aumento da estimulação no aparelho psíquico contrariando a homeostase que o princípio de prazer tenta impor ao mesmo. Diferente das ações do princípio de prazer, os fenômenos da compulsão à repetição não atuam como mecanismos direcionados a uma finalidade.

### **.3.2 As pulsões e a cultura.**

Como foi dito na introdução, Freud (1953/1930) em “O mal-estar na civilização” define a cultura como sendo, resumidamente;

(...) a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos (FREUD, 1953/1930, p. 36).

A partir da citação anterior, primeiramente observo que há na cultura uma função de - ou ela até poderia ser definida por – acumular e transmitir às novas gerações as conquistas ou avanços e as regras estabelecidas das gerações anteriores. Freud nunca deixou de acreditar que a ontogenia é incorporada à filogenia e esta seria transmitida hereditariamente, ainda que a cultura apareça aqui como responsável por acumular esse conteúdo, se deve advertir que, em grande parte os postulados psicanalíticos acerca das temáticas desenvolvidas nesta dissertação, tiveram por base essa crença de Freud.

Em relação aos dois intuitos culturais presentes na citação, Freud (1953/1930) afirma que o esforço do homem para subjugar a natureza “não aumentou a quantidade de satisfação

---

<sup>12</sup> Ver páginas 18 e seguintes para as possíveis restrições do uso da palavra função.

prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes”, apontando também que isso não significa que o progresso tecnológico não desempenhe um importante papel na economia da produção de felicidade, mas que de maneira diferente o papel desempenhado pela cultura seja precisamente o de impor restrições à obtenção de prazer a fim de unir as comunidades humanas e criar grupos libidinalmente ligados.

O primeiro intuito cultural, ‘proteger o homem da natureza’, acaba por transformar-se em proteger os homens da própria natureza do homem, seus impulsos. A partir disso é ao segundo intuito, “ajustar os seus relacionamentos mútuos”, que devemos atribuir o papel desempenhado pela cultura.

(...) o elemento cultural esteve implícito já na primeira tentativa de regular essas relações sociais, se tal intento fosse omitido, estas relações ficariam liberadas ao arbítrio do indivíduo, ou seja, o mais forte decidiria a respeito delas no sentido de seus próprios interesses e de suas tendências instintivas (FREUD, 1953/1930, p. 41).

Dessa forma, o primeiro intuito cultural citado por Freud, parece não ser eficaz para que o homem possa alcançar a felicidade, uma vez que o segundo intuito regula a interação entre os indivíduos e assim impõe ao homem a contenção de impulsos que de outra forma resultariam na obtenção de prazer. Os possíveis benefícios gerados pelo primeiro intuito – os progressos tecnológicos que evitariam o desprazer que poderia vir das forças da natureza – carregam consigo a imposição do segundo intuito que restringe a obtenção de prazer que deste modo ficaria restrita a formas socialmente aceitas de obtê-lo.

(...) é importante reconhecer em que medida a cultura se estabelece sobre uma renúncia as satisfações do instinto: a que ponto ela pressupõe precisamente a insatisfação (pela supressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” rege o vasto domínio das relações sociais entre os seres humanos, e já sabemos que nela reside a causa da hostilidade oposta a toda cultura (FREUD, 1953/1930, p. 94, aspas do autor).

Assim, a vida humana em civilização abarcaria uma dualidade entre os benefícios que a cultura traz na guerra do homem contra a natureza e as restrições que impõe a sua natureza interna.

Na realidade, o homem primitivo estava menos oprimido neste sentido, não conhecia restrição alguma de seus instintos. Em compensação, eram muito escassas suas perspectivas de poder aproveitar por muito tempo dessa felicidade. O homem civilizado trocou uma parte de possível de felicidade por uma parte de segurança (...) (FREUD, 1953/1930, p. 60).

Ainda para Freud (1953/1930), essa exigência cultural de uma restrição aos impulsos individuais não pode ser feita impunemente e sérios distúrbios poderiam advir se esta perda não for economicamente compensada de alguma forma. O primeiro intuito cultural se mostra então, não como uma aspiração da cultura, mas sim como moeda de troca pelo que a cultura impõe a seus membros.

(...) o destino da espécie humana será decidido pela circunstância de se - e até que ponto - o desenvolvimento cultural conseguirá fazer frente às perturbações da vida coletiva provenientes do instinto de agressão e autodestruição (FREUD, 1953/1930, p. 89).

Em “O mal estar na civilização”, Freud (1953/1930) cogita sobre como as pulsões agiriam sobre cultura. As pulsões de vida, com sua tendência a aglutinar elementos em proporções cada vez maiores, apareceriam como responsáveis por sua formação e manutenção, o primeiro intuito cultural<sup>13</sup> citado por Freud estaria relacionado às imposições dessas pulsões de vida. A maior inimiga da cultura seriam os impulsos agressivos ou destrutivos provenientes das pulsões de morte e seria em detrimento aos desígnios das últimas, que poderiam desfazer o vínculo libidinal necessário para que a vida em sociedade seja possibilitada, que o segundo intuito cultural<sup>14</sup> seria imposto ao homem. No entanto o segundo intuito também restringiria parte da satisfação das pulsões de vida, precisamente no tocante as pulsões sexuais que a compõem.

Estas massas humanas devem ser vinculadas libidinalmente, pois nem a

---

<sup>13</sup> Proteger o homem contra a natureza.

<sup>14</sup> Restrição dos impulsos do homem ao ajustar seus relacionamentos.

necessidade por si só, nem as vantagens de uma comunidade de trabalho, bastariam para mantê-las unidas. Devido ao natural instinto humano de agressão, a hostilidade de um contra todos e de todos contra um, se opor a esse desígnio da cultura (FREUD, 1953/1930, p. 67).

Portanto, há também uma analogia, de Freud (1953/1930) em “O mal-estar na civilização”, entre o funcionamento das pulsões no indivíduo e o funcionamento das mesmas na cultura. Segundo esta analogia, assim como no indivíduo, na cultura também existiria uma força no sentido de sua manutenção e expansão em permanente conflito com outra força que tenderia para a própria destruição. Essa força seria proveniente da tendência humana de deslocar a pulsão de morte do interior do organismo para objetos fora dele, evitando assim a própria aniquilação do indivíduo.

Os perigosos instintos de morte são tratados no indivíduo de diversas maneiras: em parte são tornados inócuos por sua fusão com componentes eróticos; em parte são desviados para o mundo externo sob a forma de agressividade; enquanto que em grande parte continuam, sem dúvida, seu trabalho interno sem esforço (FREUD, 1976/1923, p. 70).

Um exemplo fornecido por Freud (1953/1930), para essa fusão com componentes eróticos seria o sadismo ou o masoquismo, onde um impulso destrutivo se ligaria a outro amoroso para poder obter sua satisfação. Talvez por essa ligação a cultura também necessite regular a satisfação das pulsões de vida.

Dou-me conta que sempre tivemos presentes, no sadismo e no masoquismo, as manifestações do instinto de destruição dirigido para fora ou para dentro, fortemente ligadas com o erotismo (...) (FREUD, 1953/1930, p. 65).

Segundo Freud (1953/1930), quando as pulsões de morte não estão diretamente ligadas ao Eros torna-se muito difícil identificá-las. O fim último das exigências da pulsão de morte é a destruição completa do próprio organismo e em seu conflito com as pulsões de vida ela perde a luta até que finalmente a vida encontre seu término inevitável. No período enquanto a vida ainda

se faz presente essas pulsões de morte só conseguem alcançar sua satisfação por meio de seus derivados, aliando-se ao Eros.

Para a cultura ser eficaz na forma como impõe seus desígnios de uma restrição dos impulsos ao indivíduo, ela precisa operar com força igual ou superior a essas pulsões. Uma vez que as últimas são internas ao organismo, essa imposição da vida em sociedade deve também ser internalizada para obter sucesso. Freud (1953/1930) passa então a expor como através de uma incorporação das regras sociais, que visariam impedir a manifestação dessas pulsões destruidoras ao *supereu*, este último se tornaria um sensor interno que operaria por meio de imposições ao *eu* que resultariam no sentimento de culpa, passarei a dissertar sobre este no próximo capítulo.

#### 4 - O sentimento de culpa.

Depois de “Além do princípio de prazer”, Freud trataria em poucos textos da compulsão à repetição e neles a compulsão apareceria apenas em poucos parágrafos. Isso facilitou que eu cobrisse com facilidade as passagens em que ele discorre sobre o tema, quanto ao conceito de sentimento de culpa ocorreu o contrário. A temática do sentimento de culpa aparece ao longo de toda a obra de Freud, embora com um sentido diverso depois da segunda tópica, na qual ele passa a ser apresentado com uma especial ligação ao *supereu*. Devido à amplitude do aparecimento desse tema nos textos de Freud, optei por selecionar apenas alguns textos em que o mesmo é apresentado para discorrer nesta dissertação. Isso, para delimitar a idéia a partir da qual posso escrever sobre a relação que busco defender entre o sentimento de culpa e a compulsão à repetição. Tais textos foram especificamente: “O *eu* e o *isso*”, de 1923; “Dostoievski e o parricídio”, de 1928; e principalmente “O mal estar na Civilização”, de 1930. Nesse último texto, o sentimento de culpa é apresentado como obstáculo e conseqüência da vida em sociedade e como correlato da recusa a satisfação pulsional exigida pela cultura por meio da agressividade do *supereu*, esse ponto é de especial relevância na argumentação que procuro desenvolver aqui.

A partir desses três textos, abordo o sentimento de culpa como uma manifestação reativa às imposições do *supereu*. Porém, esse sentimento existiria anteriormente ao *supereu* – tanto no desenvolvimento do indivíduo, quanto no seu aparecimento na teoria freudiana –, mas a partir da constituição do *supereu* e a relação de vigilância que este passaria a manter com o *eu*, tal sensor particular se tornaria tão eficiente que não precisaria que um ato de agressão efetivamente ocorresse. Desse modo, apenas uma intenção de agressão seria o suficiente para o aparecimento de um forte sentimento de culpa.

(...) a diferença entre uma intenção de agressão e uma realizada perdeu toda a importância devido à onisciência do superego; agora o sentimento de culpabilidade poderia originar-se tanto em um ato de violência efetivamente realizado – coisa que todo mundo sabe – como também em outro simplesmente intencionado – fato descoberto pela psicanálise (FREUD, 1953/1930, p. 82).

Segundo Gomes (2003), que analisa o texto, de Freud, “Dostoiévski e o parricídio”, de 1928, Freud encontra em Dostoiévski<sup>15</sup> a idéia de que no psiquismo as intenções podem equivaler aos atos. Gomes afirma que em uma carta a Stefan Zweig, Freud atribuiria a Dostoiévski a descoberta da equivalência entre estes dois fenômenos, encontrando na obra dos “Irmãos Karamazov” um enredo em que se ressalta a possibilidade de não ser necessário que tenha ocorrido um crime para o sujeito se sentir culpado.

(...) no discurso de defesa no julgamento, ocorre a famosa zombaria da psicologia, como sendo uma ‘faca de dois gumes’, um disfarce esplêndido, pois basta invertê-lo para descobrir o significado mais profundo da visão que Dostoiévski tinha das coisas. Não é a psicologia que merece a zombaria, mas o processo de investigação judicial. É indiferente saber quem realmente cometeu o crime; a psicologia se interessa apenas em saber quem o desejou emocionalmente e quem o recebeu com alegria quando foi cometido. E, por esse motivo, todos os irmãos, exceto a figura contrastada de Aliocha, são igualmente culpados (FREUD, 1953/1928, p. 267).

Segundo Gomes (2003) esta idéia aparece também em “O mal-estar na civilização” fortemente ligada a instância psíquica do *supereu*, sendo que também podemos encontrar tal equivalência em textos muito anteriores ao trabalho de Freud sobre Dostoiévski, mas muitos desses são anteriores à formulação da segunda tópica e não os exploro nesta dissertação por não se apresentarem em relação a esta tópica e conseqüentemente ao *supereu*.

Um exemplo de que essa equivalência já está presente na obra de Freud até antes do que se considera o surgimento da psicanálise pode ser encontrado no texto “As neuropsicoses de defesa”, de 1894. Nesse texto, Freud (1953/1894) discorre sobre o sentimento de culpa que aparece no caso de uma paciente obsessiva que ao ler notícias sobre crimes em jornais, como falsificação de moedas ou assassinato, se auto-recriminava por estes, e com um posterior agravamento do caso, segundo Freud para uma psicose, chegou até a se acusar para seus parentes

---

<sup>15</sup> Um fato curioso seria que embora Freud demonstre particular admiração e interesse pela obra desse autor russo, em uma carta enviada à Reik em abril de 1929, na qual respondia a uma crítica do destinatário a seu artigo de 1928, Freud afirma que particularmente não gosta de Dostoiévski, ele atribuí essa peculiaridade a sua paciência com a patologia não se estender para além das análises.



de tê-los cometido.

Recorri ao texto “O mal estar na civilização” para localizar uma delimitação das manifestações do sentimento de culpa em relação à atuação das pulsões. Como afirmei ao fim do capítulo anterior, segundo Freud (1953/1930), a pulsão de morte seria desviada para o exterior do organismo como agressividade para evitar que tal pulsão encontre sua finalidade, que seria de modo absoluto a morte do organismo. Supondo-se que para se proteger da própria destruição o indivíduo desvia essa pulsão para o exterior do organismo, a existência da cultura passa a depender de que esta pulsão seja de alguma forma controlada.

O controle das pulsões de morte – uma vez que estas são internas ao organismo - pela cultura só seria alcançado por meio da incorporação das regras, que atendem aos intuitos culturais<sup>16</sup>, a uma instância do aparelho psíquico, o *supereu*, que se configuraria como um sensor interno que provocaria o sentimento de culpa.

Desse modo o *supereu* apareceria, em “O mal estar na civilização”, como aliado da cultura em sua luta contra os impulsos internos do homem. Por outro lado, segundo Freud (1953/1930), o sentimento de culpa que ocorreria a partir das exigências desta instância psíquica apareceria como um dos maiores obstáculos para que o homem pudesse manter-se saudável ao se submeter aos imperativos culturais.

(...) corresponde por completo ao propósito de destacar o sentimento de culpa como problema mais importante da evolução cultural, assinalando que o preço pago pelo progresso da cultura reside na perda de felicidade pelo aumento do sentimento de culpa (FREUD, 1953/1930, p. 79).

O intuito cultural de domesticar a natureza é alcançado, mas o resultado seria ter de domesticar também a natureza do homem e tal intervenção sobre as pulsões não deixa de acarretar em severas conseqüências.

É notável que quanto mais um homem controle sua agressividade para com o exterior, mais severo – isto é, agressivo – ele se torna em seu ideal do eu (FREUD, 1976/1923, p. 71).

---

<sup>16</sup> Proteger o homem da natureza e regular seus relacionamentos, ver capítulo 3, p. 47 e seguintes .

Para Freud (1976/1923), em “O *eu* e o *isso*”, esse sentimento de culpa se desenvolve a partir do medo de perder o afeto da figura amada, pelo indivíduo. Ou seja, no caso da constituição do sujeito, como esse desenvolvimento acontece em um período remoto da infância, essa figura, ou figuras, a quem se ama e se teme pela ameaça de que tal afeto possa deixar de existir, seriam os pais. Esse afeto remontaria ao que no início deu origem ao *supereu*, uma primeira identificação que toma o lugar de um investimento (catexia) abandonado pelo *isso*. Essa identificação não seria outra senão com as figuras paterna e materna e o *supereu* seria um representante no adulto da relação da criança com seus pais em sua infância.

Gerez-Ambertín (2003, p. 110) ao comentar sobre o *supereu* originando-se a partir dessa identificação primária afirma que esta seria uma “marca intrusiva, inassimilável, traumática e adesiva”. Afirma também que em comparação com a “identificação regressiva vinculada à identificação secundária e edípica” que resultaria no *eu* e seria passível de mobilidade, a identificação que constituirá o *supereu* tenderia a fixação.

No texto “Dostoievski e o parricídio”, Freud (1953/1928) depois de afirmar que o parricídio seria provavelmente a principal fonte do sentimento de culpa e enviar o leitor a seu artigo “Totem e tabu”, de 1913, expõe que o relacionamento de um menino e seu pai ocorre de modo ambivalente, ao mesmo tempo em que existiria ódio em relação ao pai como rival, disputando o amor da mãe, também coexistiria com esse sentimento, ternura em relação ao pai.

As duas atitudes mentais se combinam para produzir a identificação com o pai; o menino deseja estar no lugar do pai porque o admira e quer ser como ele, e também por desejar colocá-lo fora do caminho (FREUD, 1953/1928, p. 261).

No entanto, segundo Freud (1953/1928), em determinado momento a criança percebe que seria punida se tentasse se livrar do pai como rival, punida com a castração. Com medo desta, o menino - em um desenvolvimento normal - abandona os desejos, que até então nutria acerca da mãe e do rival paterno. Esses desejos não seriam apagados, mas sim, permaneceriam no inconsciente e lá constituiriam a base para uma posterior formação do sentimento de culpa que aflige os neuróticos.

Como afirmado anteriormente, o *supereu* seria para o homem um remanescente representante da figura paterna, que um dia foi ao mesmo tempo amada e temida, mediante a ameaça de castração. Assim, também o *supereu* - que foi constituído pelas identificações com as figuras que cumprem as funções paterna e materna somadas ao medo da castração ou invejado pênis - seria amado pelo eu e a mera ameaça da perda do amor deste pelas censuras que faz, geraria um forte sentimento de culpa e, suponho, este sentimento guardaria em si parte do que foi outrora o medo da castração.

“O ideal do ego, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id” (FREUD, 1976/1923, p. 51).

Defendo que a excitação que acompanha o medo da castração não seria totalmente enlaçada pelo *eu* ao se enfocar este medo enquanto traumático, que no caso dos meninos encerraria o complexo de Édipo, e a partir dessa suposta quantidade de excitação que possa restar indomada cogito que este medo (angústia) poderia se manifestar nas neuroses de transferência por meio do sentimento de culpa, reeditando o montante de energia que possa ter permanecido sem ligação após esse trauma de castração.

É interessante notar que, em “O *eu* e o *isso*”, Freud (1976/1923) afirma que o sentimento de culpa tem seu aceso à consciência totalmente impedido nos casos de histeria, mas que ele apareceria à consciência na neurose obsessiva, muitas vezes com um mínimo de transformação.

Gerez-Ambertín (2003) afirma encontrar três registros de culpa diferentes relacionados ao *supereu*: “*culpa consciente ou sentimento de culpa, culpa inconsciente e culpa muda*”, a primeira seria uma percepção pelo *eu* de uma acusação do *supereu*, a segunda relacionada à angústia de castração e de morte e a terceira seria “uma busca compulsiva e silenciosa pela *satisfação do castigo de padecer*” (GEREZ-AMBERTÍN, 2003, p. 114-115, grifo do autor). Não adotei nessa dissertação tal diferenciação, porém em seu texto “O *supereu* entre duas heranças: Édipo e *isso*”, eu encontrei que:

Na obsessão, culpa consciente e culpa inconsciente são notórias. A culpa

“hiperexpressa”, sumamente incômoda, não tem justificação frente ao eu. Por esse motivo, embora o eu do obsessivo por um lado se acuse, por outro se rebela contra a imputação da culpa. (...) ele nada mais faz que potencializar ainda mais a culpa. É desse modo que o obsessivo, embora ostentando seu pecado para aplacar sua má consciência, não escapa da condenação que, como permanente ameaça de desgraça, pode cair sobre ele. (GEREZ-AMBERTÍN, 2003, p. 115, aspas do autor).

Ao pensar sobre a causa de o sentimento de culpa se manifestar de forma diferente na neurose obsessiva e na histeria suponho que isso possa ocorrer a partir da etiologia que determina a escolha de cada uma das mesmas. Passo, desse modo, a dissertar sobre uma das hipóteses iniciais de Freud sobre a eleição das neuroses, que é a de que uma criança que participasse de uma cena de sedução, em um período pré-sexual, na posição passiva desenvolveria uma histeria, enquanto que outra que passasse por essa cena assumindo uma posição ativa desenvolveria uma neurose obsessiva.

Freud (1953/1896) afirma em “Novas considerações sobre as neuropsicoses de defesa”, de 1986, que em todos os casos de histeria que analisou inclusive os de histeria masculina, ele descobriu “como condição específica da histeria – a passividade sexual durante o período pré-sexual” (FREUD, 1953/1896, p. 176). Em um período no qual ainda não existia maturação biológica, ou talvez mesmo, curiosidade da criança pela sexualidade, ela seria colocada em uma situação que remete ao sexo por um adulto ou criança mais velha. Essa cena traumática da infância determinaria o desenvolvimento posterior de uma histeria.

Quanto à neurose obsessiva o que Freud (1953/1896) afirma no texto é que a etiologia seria de certa forma semelhante a da histeria:

(...) mas não se trataria de passividade sexual e sim de agressividade sexual desta ordem executados com prazer ou de uma prazerosa participação em atos sexuais, isto é, de atividade sexual (Freud, 1953/1896, p. 180).

Não seria, então, na neurose obsessiva, apenas de uma vivencia ou fantasia de atividade

sexual, mas também de agressividade sexual neste evento. Freud (1953/1896), também apresenta três fases que comporiam o trauma na neurose obsessiva, nessas fases primeiramente ocorreria uma experiência de sedução passiva que mais tarde se expressaria através de agressão sexual a outros e depois atos que envolvem auto-acusação. Em uma segunda fase, essa auto-acusação ficaria ligada a lembranças dos atos prazerosos praticados, esta auto-acusação seria então “reprimida e substituída por um sintoma primário de defesa” (FREUD, 1953/1896, p. 181). A terceira fase se configuraria pela enfermidade propriamente dita onde haveria o retorno das lembranças reprimidas.

Na carta 30, de 15 de outubro de 1895, encontra-se:

A histeria é um ‘shock’ sexual pré-sexual e a neurose obsessiva é consequência de um prazer sexual pré-sexual, que mais tarde se converte em auto-recriminação (FREUD, 1953/1887-1902 p. 160).

Destaco aqui que em ambos os casos a vivência traumática seria passiva, pelo menos inicialmente, mas que na neurose obsessiva existiria uma cena posterior de atividade que resultaria em auto-recriminação. Como é possível observar no texto presente na citação anterior, a passividade ou atividade que está em questão, talvez, não se expresse pela posição em que a criança atua nessa cena, mas sim se ela se vê tomada por uma excitação aversiva ou esta mesma excitação traz consigo uma vivência de prazer da qual a criança se recrimina por sentir. Busquei esse primeiro desenvolvimento da etiologia das neuroses para tentar correlacionar o que aparece aí como auto-acusação ou auto-recriminação com o que posteriormente aparecerá na obra freudiana como sentimento de culpa e o fato do mesmo se apresentar à consciência na neurose obsessiva, enquanto que, segundo Freud (1976/1923), em casos de histeria o paciente se recusaria mesmo a acreditar que algo na configuração de seu sintoma possa remeter a um sentimento de culpa.

No caso da neurose obsessiva suponho que uma vez que auto-acusações pelo ato fazem parte da própria configuração que dá início a patologia, na fase posterior em que há o retorno de lembranças reprimidas, não surpreende que aquilo que retorna do ato transformado agora em culpa se apresente com maior facilidade a consciência que na histeria. Acerca da última, a vivência original é repulsiva e pode-se supor que a resistência em admitir que exista um

sentimento de culpa em relação ao trauma está relacionada ao afeto ligado a primeira vivência/fantasia.

A histeria está condicionada a uma experiência sexual primária (anterior à puberdade) acompanhada por repulsa ou susto, enquanto a neurose obsessiva estaria condicionada pela mesma experiência, mas vivida com prazer (FREUD, 1953/1887-1902, p. 159).

Quanto às afirmações presentes nos parágrafos anteriores em relação às primeiras teorias acerca da etiologia das neuroses deve ser acrescentada a ressalva de que estas são posteriormente negadas por Freud (1953/1906) no texto “A sexualidade na teoria das neuroses”, no qual afirma que esta etiologia deve ser atribuída a uma multiplicidade de fatores, embora estes fatores etiológicos estejam sempre ligados a tudo aquilo que possa afetar prejudicialmente processos a serviço da função sexual. Mas, mesmo Freud tendo reconhecido seu erro quanto à teoria do abuso infantil real na carta 69, de 21 de setembro de 1897, e posteriormente elaborado a teoria das fantasias infantis que substituiria a teoria anterior, ele não abandona por completo essa teoria, como encontramos na seguinte nota de rodapé acrescentada à segunda parte do texto “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa”, em 1924:

(...) No entanto, nem tudo do exposto no capítulo que antecede deve ser rechaçado, pois a sedução conserva ainda certo valor etiológico. Deste modo, acredito que ainda sejam exatas algumas das observações psicológicas desenvolvidas nele. (FREUD, 1953/1896, p. 180).

Como podemos observar nesta nota, mesmo em 1924, Freud ainda não havia descartado por completo a teoria da sedução e, como tento expor nessa dissertação, após 1920, o trauma<sup>17</sup>, entendido como excesso de energia não ligada que rompe uma camada protetora do aparelho psíquico e que sempre retorna a partir das manifestações da compulsão à repetição, ganha um novo impulso dentro da teoria psicanalítica amparado no estudo das neuroses de guerra e dos sonhos traumáticos.

Vimos em “Mais além do princípio do prazer” a volta a teoria do trauma.

---

<sup>17</sup> Disserto sobre os sonhos traumáticos no capítulo 2, p. 35 e seguintes.

Não se trata mais, é verdade, do trauma de sedução, que Freud havia, nos anos 1890, proposto como explicativo das neuroses, mas, do ponto de vista econômico, é a mesma situação de ruptura das proteções. O trauma, agora, volta relacionado à neurose traumática, neurose de acidente, mas, principalmente, neurose de guerra. E, a esse respeito, Freud nos remete a Ferenczi e outros (RAMOS, 2003, p. 140)

As imposições, exigências e acusações do *supereu*, que apresentei até aqui como um artifício (instrumento) utilizado a serviço do intuito cultural de controlar os relacionamentos entre os homens, impondo a estes uma restrição à satisfação das pulsões, particularmente a de morte, impedindo esta de ser exteriorizada como agressividade, também satisfaz essa mesma pulsão por meio das agressões ao *eu*. O sentimento de culpa - ao mesmo tempo consequência da recusa à satisfação pulsional e da angústia (medo) frente ao *supereu* - poderia atuar, penso, em parte como a compulsão à repetição, como um derivado do que foi inicialmente angústia de castração, este afeto poderia trazer consigo energia não representada restante do trauma de castração. É essa hipótese, que procura destacar o componente traumático do complexo de castração e identificar no sentimento de culpa uma possível reedição de energia não representada, que tentarei defender no próximo capítulo.

## **5 - Compulsão à repetição, trauma de castração e o sentimento de culpa.**

Por meio de um enfoque nos textos pré-psicanalíticos de Freud tentei expor no capítulo anterior que apesar de ele ter abandonado a teoria da sedução – que localizava no acontecimento de uma cena de abuso real na infância a causa das neuroses -, não o fez por completo e que, mesmo considerando que as supostas cenas de sedução ocorram apenas como fantasias e não na realidade material, estas tratariam sim de uma verdade psíquica.

Apresentei também que Freud correlacionava à posição passiva no abuso ao desenvolvimento da histeria, enquanto que a vivência da cena em uma posição ativa seria correlacionada por ele à neurose obsessiva.

(...) embora com reservas, acreditava que uma conduta passiva nessas cenas produzia a disposição à histeria, ao passo que uma conduta ativa, produziria a disposição à neurose obsessiva. Posteriormente, tive de renunciar por completo a essa hipótese, embora muitos fatos exigissem manter até certo ponto a correlação pressentida entre passividade e histeria, atividade e neurose obsessiva (FREUD, 1953/1906, p. 13).

Como se pode observar, no mesmo texto em que Freud (1953/1906) corrige suas concepções sobre o abuso resultar no desenvolvimento das neuroses, ele nega também que a eleição da neurose é correlata às posições ativa – passiva na cena traumática. No entanto, ele deixou algo em aberto ao afirmar que alguns fatos o fizeram manter tal correlação até certo ponto, mas em “A sexualidade na etiologia das neuroses”, de 1906, ele não precisou que ponto é este e tampouco citou quais seriam esses fatos que o levaram a não abandonar por completo a ligação atividade/neurose obsessiva e passividade/histeria. Deste modo, a correlação entre atividade ou passividade e as neuroses obsessiva ou histérica continuaria a existir na teoria psicanalítica, no entanto, uma vez que a teoria de sedução foi abandonada por Freud (1953/1906), a etiologia das neuroses passa a ser atribuída por ele aos múltiplos fatores que podem influenciar de forma prejudicial à função sexual.

Também trago aqui, para ressaltar a importância dessa primeira teorização acerca do



trauma, a afirmação de Freud (1953/1896) de que o traumático são as recordações depois da puberdade destes eventos e não eles mesmos. Segundo Harari (1990), diferente da idéia médica de traumatismo, o trauma na psicanálise consiste em dois tempos diversos. O trauma, desse modo, seria composto por duas cenas interligadas, nas quais o segundo tempo enquanto causa do primeiro, acarretaria na volta deste último ao psiquismo como evento traumático.

Se somente acontecesse a primeira, não haveria conseqüências; com a segunda cena, a primeira pode desencadear um efeito (HARARI, 1990, p. 105).

Ainda para Harari (1990), nesse ponto pode-se articular essa combinação de cenas, necessária para a constituição do trauma, com a repetição. Dado evento ao repetir outro

Precipita uma situação traumática, porque pode constituir-se em algo inassimilável. Daí cabe extrair um parâmetro crucial: este inassimilável é um Real<sup>18</sup> que, como tal, por mais significantes<sup>19</sup> que dispostos para capturá-lo, não pode ser integrado à cadeia. Freud expunha esse fato em termos energéticos: por mais que procure ligar esse excesso energético que acarretou o trauma, não há maneira de poder uni-lo ao sistema (HARARI, 1990, pp. 107-108).

Seria nesse inassimilável, nisso que não pode ser representado do trauma por seu excesso, que Lacan (1998) encontra a repetição como “*tiquê*”<sup>20</sup>, um encontro com o real, o qual não é um retorno de uma representação e, segundo Harari (1990), nem ao menos há aí uma ressignificação do evento anterior, mas um fato novo que atualiza<sup>21</sup> essa cena e forma o trauma pela impossibilidade de enlaçar completamente a energia que invade o aparelho.

(...) neste encontro do Real, esta repetição dada como que por acaso, marcou um trauma inassimilável enquanto impossível de ser pego pelos significantes, os quais não podem dar conta de sua condição. Assim um

---

<sup>18</sup> Ver página 33 e seguintes, nas quais disserto um pouco sobre o termo real.

<sup>19</sup> Em Lacan os mecanismos do processo primário atuam apenas sobre os significantes, ver página 20.

<sup>20</sup> Sobre o termo *tiquê*, consultar página 34.

<sup>21</sup> No sentido de trazer para o presente.

resto real permanece resistente, indomesticável a toda assimilação, a toda significação (HARARI, 1990, p. 108).

A idéia de compulsão à repetição – tal qual é redefinida em “Além do princípio de prazer” – não apenas se articularia a idéia de trauma por ser inferida a partir dos exemplos dos sonhos traumáticos e das neuroses de guerra (ou traumáticas), como também se poderia afirmar que todos os outros fenômenos que Freud utiliza para justificar as novas concepções que lança acerca da compulsão à repetição se relacionariam diretamente a idéia de traumatismo. Como já disse, em 1920 o trauma voltaria a ganhar um lugar de destaque na metapsicologia, não mais como um evento que produziria essa ou aquela patologia, mas, em termos econômicos, como responsável pela existência no aparelho psíquico de uma energia não ligada a representações que insiste em se atualizar como repetição. Dessa maneira, penso que, uma vez que se possam relacionar as manifestações da compulsão à repetição a um primeiro evento em que certa quantidade de energia não pôde ser enlaçada pelo *eu*, ou seja, que exista um traumatismo relacionado a essa primeira experiência, se pode também afirmar que o que se apresenta de novo na idéia de compulsão à repetição em 1920<sup>22</sup>, é particularmente relacionado à idéia de trauma.

Especificamente acerca de um trauma proveniente do complexo de castração, em outras palavras, de um trauma de castração, em “Análise terminável e interminável”, Freud (1953/1937) nega - logo após expor que: Ferenczi em seu artigo de 1927 defende que o “desejo de um pênis” nas mulheres e o “protesto masculino” nos homens deve ser completamente dominado em uma análise bem sucedida – que acredite na possibilidade que estes complexos decorrentes da castração sejam completamente dominados em uma análise. Freud afirma que em nenhum ponto se encontra uma maior resistência à análise quanto ao se examinar esses complexos, mas que:

Tudo isso nos ensina também que não é importante sob que forma a resistência aparece, seja como transferência ou não. A coisa decisiva permanece sendo que a resistência impede a ocorrência de qualquer mudança — tudo fica como era. (FREUD, 1953/1937, p. 351).

Freud (1953/1937) afirma que esses dois complexos ultrapassam os “stratos psicológicos” e a partir disso tenta correlacionar os mesmos a um fator biológico que segundo ele

---

<sup>22</sup> Esta idéia se opor ao princípio de prazer.

seria subjacente ao campo psíquico.

Seria difícil estabelecer se no curso de um tratamento analítico conseguimos êxito em superar esse fator, e quando isso ocorreu. Só podemos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa analisada todos os estímulos possíveis para examinar e modificar sua atitude frente ao mesmo (FREUD, 1953/1937, p. 351).

Apresento essa exposição de Freud sobre as dificuldades de se dominar em análise em sua totalidade o complexo de castração, bem como a suposição de que as resistências encontradas nesse ponto se relacionam a um fator biológico, pois tento localizar aí um excedente de energia não representada. Esse excesso energético restaria do complexo de castração e se apresentaria como traumático quando posteriormente outro evento atualizar tal energia excedente. Dessa forma, como sabemos, o complexo de castração se impõe como ameaça de castração e termina o complexo de Édipo nos meninos, enquanto marca a entrada das meninas no mesmo. Freud (1953/1937) supõe que as resistências apresentadas na análise provenientes desse fator biológico impedem a mudança e ele apresenta essa resistência em oposição à proposta de Ferenczi, de que o “desejo de um pênis” ou o “protesto masculino” sejam dominados completamente em uma análise bem sucedida. Assim, a partir do texto de Freud, supostamente, mesmo quando exaustivamente trabalhado em análise, o complexo de castração manteria ainda algo de imutável.

Possivelmente, o extremo defendido por Ferenczi, de que se possa dominar em sua totalidade o complexo de castração em análise, seria abalado pela oposição de Freud ao supor que uma parcela do complexo não possa ser dominada. Concordo com Freud, isso decorrendo ou não de um suposto fator biológico, e penso que as dificuldades para se dominar de forma completa o complexo de castração talvez indiquem que este complexo não foi completamente representado. O excesso de estimulação que podemos encontrar no trauma e, suponho, também aqui na castração como traumática, como registro do complexo de castração no *real*<sup>23</sup>, não é integrado à cadeia de significantes, o que não equivale dizer que não possa mudar no modo como interage com esta cadeia na medida em que esta se modifica. Desse modo, mesmo que seja impossível tentar dominar completamente o complexo de castração por meio da análise, ainda assim mover a

---

<sup>23</sup> Sobre o termo Real ver páginas 34 e seguintes.

trama significativa que o perpassa modificaria sua influência sobre o aparelho psíquico.

Ainda acerca da castração, Freud (1953/1926) em “Inibição sintoma e angústia” afirma que os relatos até então sobre as neuroses de guerra não haviam se preocupado em observar que estas neuroses contradiriam o postulado de a angústia ser sempre de castração por, nas mesmas, estar em evidência um medo real da morte. Contudo, pouco após, no texto, ele complementa essa afirmativa ao supor que mesmo o medo da morte seria equivalente (ou, quem sabe, derivado do) ao medo de castração.

A castração se faz, por dizer assim, representável pela experiência cotidiana de eliminação do conteúdo intestinal e pela perda do seio materno sofrido no desmame. Mas jamais foi experimentado nada semelhante à morte ou pelo menos, como ocorre no desmaio, nada que tenha deixado vestígios perceptíveis. Manteremos, portanto, a nossa hipótese de que o medo da morte deve ser considerado como análogo ao medo da castração e que a situação à qual o eu reage, é a de ser abandonado pelo supereu protetor (...) (FREUD, 1953/1926, p. 45).

Em “O eu e o isso”, Freud (1976/1923) afirma que no psiquismo a vida pode ser correlacionada a ‘ser amado’, ou seja, que a morte é entendida pelo *eu* como não ser amado. No aparelho psíquico o *supereu* ocupa o lugar de proteção que anteriormente era habitado pela figura paterna e o *eu* viveria por ser amado pelo *supereu*. Freud discorre sobre o medo da morte e comenta que tanto aquele da melancolia quanto o que ocorre em situações em que um perigo real externo se apresenta ao *eu*, este se depara com tal medo ao supor-se abandonado pela proteção com que conta.

Estas considerações tornam possível encarar o medo da morte, tal qual o medo da consciência, como um desenvolvimento do medo da castração. A grande significação que o sentimento de culpa tem nas neuroses torna concebível que a ansiedade neurótica comum seja reforçada nos casos graves pela formação de ansiedade entre o ego e o superego (medo da castração, da consciência, da morte) (FREUD, 1976/1923, p.76).

O *supereu* liga-se as identificações com os primeiros objetos da infância (os pais, como já foi dito), e o *eu* do neurótico se posiciona ameaçado pelo abandono do mesmo. Para Freud (1976/1923), o *eu* foi constituído por catexias abandonadas pelo *isso*, e o *supereu* seria uma instancia critica ligada com a primeira dessa catexias que o *id* abandonou. A posição que o *supereu* ocupa em relação ao *eu* é privilegiada, ele se formou a partir da primeira identificação que, segundo Freud, ocorre em um período em que o *eu* ainda era fraco. Além disso, ele também;

(...) é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego. (...) Embora ele seja acessível a todas as influências posteriores, preserva não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno – a saber, a capacidade de manter-se a parte do ego e dominá-lo (FREUD, 1976/1923, p.64).

O medo do *supereu* que é sentido pelo *eu*, tal qual o medo da morte sentido nas neuroses traumáticas, seria análogo ao medo da castração. Quanto às manifestações do *supereu* nas neuroses de transferência poderíamos colocá-lo não apenas como análogo, mas como derivado do medo de castração. De tal modo, o sentimento de culpa se mostraria efetivamente como um meio de proteger o *eu* contra o abandono do *supereu*, proteger o *eu* da castração.

O ego está simplesmente obedecendo ao aviso do princípio de prazer. Por outro lado, podemos dizer o que se acha escondido por trás do pavor que o ego tem do superego, o medo da consciência. O ser superior, que se transformou no ideal do ego, outrora ameaçara de castração, e esse temor da castração é provavelmente o núcleo em torno do qual o medo subsequente da consciência se agrupou; é esse temor que persiste como medo da consciência (FREUD, 1976/1923, p.74).

Freud (1953/1926) se refere às fobias para afirmar que o *eu* quando ameaçado com a castração recorre ao mecanismo da angústia e suprime a exigência pulsional. Segundo ele, a reposta de angústia foi herdada<sup>24</sup> de um momento na evolução das espécies em que esta era útil, mas mesmo que tenha perdido sua função continuou a ser transmitida através das gerações.

---

<sup>24</sup> Com base na teoria dos caracteres adquiridos.

Concomitante ao afastamento da pulsão, que colocaria o *eu* em risco, o medo da castração na fobia busca um novo objeto. Freud utiliza o caso do pequeno Hans como exemplo, ele afirma que não mais se teme a castração pelo pai, mas a mordida do cavalo. Segundo Freud essa mudança de objeto na fobia evita a ambivalência de se amar e temer o pai e também restringe a resposta de angústia apenas a presença do novo objeto que é mais fácil de ser evitado que o pai.

A angústia nas fobias de animais é uma reação afetiva do eu ao perigo, e o perigo nelas assinalado é o de castração. A única diferença existente entre esta angústia e angústia real que o eu exterioriza normalmente em situações perigosas, é a de que seu conteúdo é inconsciente e apenas distorcido e deformado chega à consciência sob a forma de uma distorção (FREUD, 1953/1926, p. 42).

Pensemos essa resposta ao medo de castração nas outras neuroses de transferência, nas quais o medo não é deslocado para um objeto externo, mas, como tento apresentar, é dirigido em relação ao *supereu*. Nesse caso a ambivalência amor/medo permanece ao passo que a fuga motora é totalmente evitada. Isso torna as imposições de contenção dos impulsos mais eficientes até certo ponto e favorece o adoecimento pela intensificação das acusações de um *supereu* do qual não é possível fugir. Na neurose obsessiva a culpa seria intensificada, visto que, segundo Gerez-Ambertín (2003), o obsessivo se acusa e também se revolta contra a culpa.

Impotente em ambas as direções, o ego se defende em vão, tanto das instigações do id assassino, quanto das censuras da consciência punitiva. Ele consegue manter sob controle pelo menos as ações mais brutais de ambos os lados; o primeiro resultado é um auto-splício interminável, e eventualmente segue-se uma tortura sistemática do objeto, na medida em que esse estiver ao alcance (FREUD, 1976/1923, p.70).

Vale ressaltar que Gerez-Ambertín (2003), diferencia o sentimento de culpa de uma culpa inconsciente<sup>25</sup> que se relaciona com o medo de castração e o medo da morte. Talvez seja preciso discordar dessa proposta, pois a percepção pela Cs. das acusações do *supereu* - percepção que a autora caracteriza como sentimento de culpa - apresenta a mesma origem da culpa que não

---

<sup>25</sup> Ver p. 57 e 58, nas quais comento essa diferenciação.

alcança a Cs., ou seja, o medo de castração. No entanto, Freud (1976/1923) afirma que o *supereu* faz críticas ao *eu* e que a percepção dessas críticas pelo *eu* é o sentimento de culpa, mas ele não cria uma categoria especial para descrever as críticas do *supereu* que não são percebidas, em muitos momentos utilizando erroneamente a expressão ‘sentimento inconsciente de culpa’.

Pode-se ir mais longe e aventar a hipótese de que grande parte do sentimento de culpa deve normalmente permanecer inconsciente, pois a origem da consciência (*conscience*) acha-se intimamente vinculada ao complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente (FREUD, 1976/1923, p. 68).

Como já foi dito, Freud (1976/1923) destaca que a culpa surge com maior facilidade à Cs. na neurose obsessiva que na histeria. Se relacionássemos isso à discriminação da qual discordei há pouco, poder-se-ia esboçar uma afinidade entre a histeria e culpa inconsciente; e entre a neurose obsessiva e o sentimento de culpa (percepção consciente da culpa). Porém, a partir do texto de Freud (2006/1915), sabemos que a um afeto não se deve efetivamente qualificar como inconsciente.

O ego histérico desvia uma percepção aflitiva com que as críticas de seu superego o ameaçam, da mesma maneira pela qual costuma desviar uma catexia objetal insuportável – através de um ato de repressão. O ego é, portanto o responsável pelo sentimento de culpa permanecer inconsciente (FREUD, 1976/1923, p. 68).

Segundo Freud (1953/1909), em “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”, já na neurose obsessiva o trauma é separado de sua catexia, de modo que apenas a idéia permanece acessível à consciência.

Não é raro que os neuróticos obsessivos, atormentados por auto-recriminações e que tenham ligado seus afetos com motivos errôneos, comuniquem ao médico os motivos verdadeiros, sem suspeitar que suas recriminações correspondam a eles, ficaram apenas separadas dos mesmos. Nestas ocasiões, eles, às vezes, exclamam assombrados e

incluso orgulhosos, que aquilo não tem para eles a menor importância (FREUD, 1953/1909, p. 40-41).

Segundo Freud (1953/1926), mesmo a idéia que irrompe a consciência na neurose obsessiva, passa pelo recalque e o que se mostra está de tal modo alterado que o *eu* não é capaz de identificar a pulsão agressiva que antes se ligava a idéia. Freud compara essas idéias que aparecem à consciência com o conteúdo manifesto dos sonhos. No entanto, o afeto desligado da idéia surge em outro ponto sem que o *eu* o perceba, mas o *supereu* atua de forma bem diferente:

O supereu se comporta como se não tivesse ocorrido nenhuma repressão, como se conhecesse o impulso agressivo em seu verdadeiro sentido e com todo seu caráter afetivo, e trata o eu em conformidade com essa hipótese. O eu, que por um lado sabe ser inocente, experimenta, por outro, um sentimento de culpa e sente sobre si uma responsabilidade pela qual não pode responder (FREUD, 1953/1926, p. 35).

Ainda acerca do *supereu*, ao retomar a afirmação de Freud (1976/1923), de que este seria um representante no adulto das identificações da criança com os pais em sua infância<sup>26</sup>, cabe destacar que em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (1953/1926) afirma que o pai se encontra ‘despersonalizado’ ao compor a instância psíquica do *supereu*. Escreve também que os temores do *eu* em relação ao *supereu* seriam uma extensão do medo de castração transformada em ‘angústia social’.

Mas essa angústia permanece oculta, pois o eu a engana executando obedientemente as ordens, precauções e penitências que lhe são impostos. Quando algo o impede, surge imediatamente um mal-estar extraordinariamente penoso, que os pacientes comparam a angústia e que temos de ver como um equivalente da mesma (FREUD, 1953/1926, p. 44).

Freud (1953/1930) supõe como maior fonte de mal-estar na cultura, o sentimento de culpa e é a esse sentimento que se refere na citação anterior. Assim, o sentimento de culpa se

---

<sup>26</sup> Falo sobre esta afirmação nas páginas 56 e seguintes.



apresenta como um afeto equivalente à angústia e que denuncia os impulsos condenados pelo *supereu*, afligindo o *eu*, apesar deste último não mais notar a presença desses impulsos como condenáveis.

Na tentativa de proteção - por parte do *eu* de ser abandonado pelo *supereu*, nas neuroses de transferência - por meio do sentimento de culpa se antecipa o castigo pelo crime intencionado. Essa antecipação previne o *eu* de um medo anterior – como na substituição do objeto na fobia - ao mesmo tempo em que satisfaz o *supereu* e as pulsões de morte nele presentes pela agressividade do *supereu* contra o *eu* que o sentimento de culpa denuncia. Esse mecanismo estaria de acordo com o princípio de prazer, visto que a tensão no aparelho diminuiria com a liberação da energia em forma de agressividade. Isso, em parte, retira a força de minha hipótese, uma vez que, mesmo que algum componente repetitivo possa ser atribuído ao sentimento de culpa, este não se opõe ao princípio de prazer.

Outro ponto que contraria a hipótese que tento defender seria que esse sentimento é composto por representação, ou seja, ele seria elaborado em forma de linguagem a partir de energia ligada. No entanto, na última citação da página anterior podemos observar que esse mal-estar (sentimento de culpa) seria um afeto de ordem semelhante à angústia (medo). Segundo Assoun (1996, p. 158), “o afeto, pois, é mesmo da ordem da repetição traumática (...)”, sendo que, o trauma que os afetos repetem é arcaico, um afeto é a repetição mnêmica evocada em situações semelhantes a traumas da história filogenética.

O que especifica o afeto é essa “captação” numa temporalidade antecedente que reenvia à pré-história, a do indivíduo e aquela, propriamente dita, da espécie (ASSOUN, 1996, p. 158).

Em “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926, Freud afirma que o sentimento de culpa teria relação com a angústia de castração da mesma forma como o *supereu* se relacionaria à figura paterna. Desse modo, se consideramos a parte traumática do complexo de castração e a possibilidade de que parte da energia não encontra representação, o inassimilável que há no registro no *real*, do trauma, podemos supor que o sentimento de culpa, de certa forma, também reeditaria um evento passado - ou, pelo menos, apresenta uma relação de continuidade à angústia de castração - e, assim, talvez, estaria também em parte a serviço da compulsão à repetição.

Da mesma forma que nenhuma das manifestações da compulsão à repetição, citadas por Freud em “Além do princípio de prazer”, de 1920, consegue individualmente se apresentar em oposição ao princípio de prazer, o fato de o sentimento de culpa se mostrar a serviço dos desígnios de tal princípio, não anularia a possibilidade de que o mesmo também possa atuar como repetição. Também comparativamente às manifestações citadas por Freud, acerca deste sentimento atuar a partir de conteúdo representado, assim também não existiria nenhum fenômeno observável determinado pela repetição exclusivamente composto por energia não ligada. Comparar as inconsistências de minha hipótese, de que o sentimento de culpa em parte obedeça à compulsão à repetição, com as inconsistências das outras manifestações da repetição de nenhum modo confirmam a mesma. Apenas destaco que as objeções a tal hipótese não diferem das que podem ser levantadas contra os fenômenos como manifestações da repetição.

Desse modo, ao dissertar sobre a possível relação de contigüidade entre a angústia de castração e o sentimento de culpa; de como os afetos podem ser reminiscências de traumas primitivos, da espécie ou da história de vida dos indivíduos; acerca de como o trauma se configura pelo inassimilável de uma invasão do aparelho psíquico por energia; de que talvez algo de traumático participe do complexo de castração; e, finalmente, sobre a compulsão à repetição ser resultado da energia não ligada proveniente do trauma; espero que a suposição levantada nesta dissertação de que o sentimento de culpa, talvez, seja também uma manifestação da repetição possa ao menos ser considerada uma pergunta válida.

## CONCLUSÕES

Em “Recordar, repetir e elaborar”, Freud (1953/1914) descreve a idéia de compulsão à repetição como um fenômeno recentemente observado por ele no percurso do tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos. Este fenômeno ocorreria em transferência quando, como resistência a continuidade do trabalho, os pacientes em vez de recordarem uma experiência e associar livremente sobre ela, como lhes é requisitado, a revivem como ato. Esse fenômeno descrito no texto de 1914 estaria em concordância com o princípio de prazer, uma vez que serve a resistência e poderia, assim, estar poupando o paciente do desprazer que poderia ser trazido à tona pela recordação original. Mesmo que a experiência quando revivida também resulte em desprazer, este poderia ser, talvez, de menor escala que o suscitado pela recordação.

Já em 1920, no texto “Além do princípio de prazer” e em breves passagens de artigos de 1919, citados nesta dissertação anteriormente, Freud (2006/1920) tenta acrescentar novos postulados a idéia de compulsão à repetição apresentada no texto de 1914. Estes postulados alteram de tal modo a idéia anterior que agora a mesma passaria a operar também de modo a se opor aos desígnios do princípio de prazer. No entanto, não eliminam as idéias apresentadas por Freud (1953/1914), em “Recordar, repetir e elaborar”.

Diferente do que ocorreu no texto “Recordar, repetir e elaborar”, a nova definição exposta por Freud a propósito da idéia de uma compulsão à repetição, não encontra um fato clínico puro que a sustente. Desse modo, Freud (2006/1920) faz uso de uma pequena coletânea de possíveis manifestações que possam justificar seu argumento de um processo presente no aparelho psíquico que não apenas escapa ao domínio do princípio de prazer, como também se opõe ao mesmo. A maior dificuldade que podemos encontrar nesse ponto seria a de que, em todas as manifestações levantadas por Freud, também é possível identificar processos em que o princípio de prazer está atuando.

Uma das implicações dessa nova definição da idéia de compulsão à repetição é a de que a mesma atuaria a partir do excesso de estimulação proveniente do traumatismo, ou seja, aquilo que se repete, reedita-se tendo como ponto de partida uma quantidade de energia não ligada (sem

representação) – ou, suponho, que o enlace dessa energia pelo *eu* ocorra de forma falha ou pelo menos incompleta. Por outro lado, o conteúdo do aparelho psíquico ao qual podemos ter acesso utilizando o método psicanalítico necessita de uma forma ou outra estar relacionado à linguagem, ter uma representação, por isso, talvez, nunca nos deparemos com um fenômeno puro de repetição. Possivelmente, estejamos fadados a apenas argumentar acerca da compulsão à repetição utilizando como exemplo manifestações onde existam pistas de sua presença, mas nunca encontremos o fenômeno em si completamente desligado de uma ou outra representação. Dessa forma, sempre se poderá questionar a veracidade da existência de uma compulsão à repetição como fenômeno presente no psiquismo que opere trazendo de volta a cena energia não representada.

A partir disso, o grande problema para desenvolver o meu argumento - de que em parte o sentimento de culpa também traga consigo energia não representada proveniente do trauma de castração, ou seja, que o mesmo possa ser encarado como uma manifestação da repetição – seria que a idéia de compulsão à repetição se justifica em vários exemplos que individualmente não provam seu antagonismo ao princípio de prazer. Mas, eu adoto para fins de poder discorrer sobre este antagonismo, no desenvolvimento desta dissertação, a hipótese de Freud (2006/1920), de que, mesmo que cada manifestação isolada não seja suficiente para supor a presença de um fenômeno psíquico que contrarie a plenitude da atuação do princípio de prazer, estas manifestações em conjunto no mínimo abalam a afirmação anterior acerca do domínio do princípio de prazer sobre os processos que atuam no aparelho psíquico.

Desse modo, apenas deixo como advertência e primeira conclusão dessa dissertação, a inexistência de um fenômeno único e completo que possa comprovar a idéia de compulsão à repetição como oposta ao princípio de prazer e passo a dissertar sobre a definição feita por Freud da mesma a partir das diversas manifestações que cito no capítulo dois.

Essa definição seria a de que, como já dito, existe atuando no aparelho psíquico, outra força que não apenas a do princípio de prazer regulado pelo de realidade. Essa seria a compulsão a repetição, que coage os indivíduos a repetir experiências sem que essa repetição vise diminuir o nível de excitação presente no aparelho psíquico ou evitar o aumento da mesma.

Como sabemos, todos os fenômenos suscitados pelo princípio de prazer,

necessariamente, seriam compostos por representações, sobre as quais os mecanismos da condensação e do deslocamento podem atuar e mobilizar a energia livremente móvel. De outro modo, as manifestações da compulsão à repetição seriam provenientes da energia não ligada a representações presente no aparelho psíquico, e este último por não poder agir sobre a mesma ficaria a mercê de seu constante retorno.

Por essa energia se atualizar em novos eventos através da compulsão à repetição, a cada vez que reaparece é apresentada a possibilidade de que a mesma possa ser ligada (representada), assim podemos supor como função indireta dessa repetição a de dar ligação a energia, embora as manifestações da repetição não ocorram para tal. Na verdade, suponho a partir do texto de Freud (2006/1920) que, talvez, à compulsão à repetição não possa ser atrelada nenhuma motivação, sendo que, a energia não ligada apenas persistir indomada a ser rerepresentada como *estranha* até que o aparelho consiga por fim enlaçá-la. Enquanto podemos afirmar que o princípio de prazer está presente no aparelho psíquico para manter a estimulação neste o mais baixa quanto possível, a possibilidade de ligação da energia pela compulsão à repetição seria no máximo uma consequência da nova oportunidade de representação obtida pela rerepresentação da energia.

Como os mecanismos do processo primário necessitam que a energia esteja representada para atuar, podemos supor que inicialmente o aparelho psíquico atua apenas por meio da compulsão à repetição que com o tempo terá gradualmente seu domínio sobre o aparelho psíquico sobrepujado pelo princípio de prazer. O exemplo do jogo infantil como repetição, ilustrado pela brincadeira do “fort-da”, poderia aqui, talvez, ser utilizado como analogia da insistência do não representado a permanecer se repetindo, o que torna possível sua representação. Se não nos restringirmos à obtenção de satisfação pela criança, que está obviamente justaposta ao jogo, e observarmos a criança enquanto revivendo uma situação da qual ela ainda não foi capaz de representar, o que encontraremos será a possibilidade de representação para a presença e ausência da mãe, senão até uma tentativa de fazê-lo.

No caso das neuroses de destino, acredito, fica ainda mais evidente a não representação anterior dos eventos que ocorrem por meio da compulsão à repetição. O acaso que aparece aí - nesses eventos em que um indivíduo parece literalmente tropeçar uma e outra vez em algo que aparentemente não o remete de forma direta a nada além de um sentimento de *estranheza* -, suscita que onde este acaso se mostra algo mais de desconhecido, talvez, também se apresente.

Sei que a indeterminação e falta de substancia dessa construção faz com que todo esse parágrafo remeta a algo de impreciso, mas os exemplos sobre as neuroses de destino - que Freud (2006/1920) apresenta em “Além do princípio de prazer”, em conjunto com os que estão contidos em “O estranho”, de 1919, - para mim são as manifestações da compulsão à repetição que mais se aproximam de expor processos psíquicos independentes do campo das representações. Talvez, seja precisamente o sentimento de *estranho*, que Freud (1953/1919) afirma acompanhar as manifestações da compulsão à repetição, que possa nos fornecer maiores pistas sobre esta. Esse sentimento de que algo é familiar, e de certo modo assustador, nisso que se apresenta como novo, suponho, seja a manifestação da compulsão à repetição na qual mais próximo se possa chegar de uma energia presente no campo psíquico que não esteja acompanhada de representação. Por outro lado, os eventos das neuroses de destino seriam aqueles em que maior arbitrariedade pode ser atribuída à sua interpretação.

Sobre os sonhos traumáticos e os de transferência, Freud (2006/1920) já afirmava que os primeiros seriam as manifestações que traziam menor número de argumentos contrários a sua hipótese de que existam fenômenos que se opõem às tendências do princípio de prazer atuando sobre o psiquismo. Segundo ele, nem estes sonhos, nem as experiências que os mesmos repetem, poderiam ser associados ao princípio de prazer. Também é notável aqui que Freud em “Além do princípio de prazer”, de 1920, volta a dar lugar de destaque ao traumático em sua obra.

Em relação a como a compulsão à repetição aparece na clínica associada aos fenômenos da transferência, Freud (1953/1914) teria inicialmente considerado a mesma como resistência ao tratamento, ou seja, intencionalmente utilizada como defesa. No texto de 1920, diferentemente, a compulsão à repetição seria descrita como oposta ao princípio de prazer, se impondo como resistência apenas na medida em que os pacientes repetem uma experiência quando são solicitados a somente relembrem da mesma. Entretanto, esse fenômeno em transferência, cogito, pode tanto se postar como resistência ao tratamento, quanto também fornecer pistas, tanto de conteúdo traumático ainda sem representação quanto de representações recalçadas, que poderiam auxiliar no andamento do tratamento caso o analista esteja atento aos mesmos e os pontue.

No que toca a teoria das pulsões, é possível afirmar que a idéia de compulsão à repetição com a mesma definição e abrangência da enfocada aqui, não é apenas publicada no

mesmo texto em que Freud admite a existência das pulsões de morte, como também colabora na justificativa que leva Freud a aceitar a existência desta categoria de pulsão e estabelecer uma nova dualidade pulsional entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Além disso, o anseio de restabelecer um estado anterior, que o organismo foi obrigado a abandonar devido a uma pressão externa, passaria a ser considerado por Freud (2006/1920), como um impulso interno de retorno que seria uma característica universal das pulsões. De modo que, as pulsões de vida impelem a substância viva a replicar o surgimento de si mesma, condensando unidades cada vez maiores e mais complexas ao replicar-se, assim prolongam a vida do organismo. Ao passo que, de modo mais simples, as pulsões de morte buscariam retornar a substância viva ao estado inorgânico. Assim, para além da dualidade pulsional de vida e morte, a compulsão à repetição se mostra como característica universal das pulsões, esta compulsão se relaciona ao que de mais primitivo podemos encontrar como tendência dessas pulsões, ao anseio ainda não transformado das mesmas.

Em “O mal-estar na civilização”, de 1930, Freud faz uma analogia entre a tendência a restabelecer um estado anterior das pulsões no indivíduo com sua atuação na cultura. Esta última serviria a dois intuitos: proteger o homem da natureza que o cerca e ajustar o relacionamento deste com seus pares. Assim, a cultura, ao mesmo tempo em que, oferece possibilidades tecnológicas que facilitariam a vida e, segundo Freud (1953/1930), a busca da felicidade, exigiria em troca uma restrição dos impulsos, particularmente da pulsão de morte desviada como agressividade para o exterior.

Nesse último texto Freud descreve como, apenas se esses intuitos culturais fossem internalizados, teriam força suficiente para impor uma restrição das pulsões. Em paralelo com o texto “O eu e o isso”, de 1923, vimos que os desígnios da cultura ao serem internalizados compõem a instância psíquica do *supereu* e por meio de sua atuação conseguem impor-se ao *eu* sob o custo do mal-estar representado pelo sentimento de culpa que se apresenta como reação a agressividade que o *supereu* dirige ao *eu*.

Segundo Freud (1976/1923), esse *supereu* é um herdeiro do complexo de Édipo e representa-se frente ao adulto com base nas identificações que a criança estabeleceu com as figuras paterna e materna. A partir do texto “Inibição, sintoma e angústia”, de 1926, podemos

inferir que, uma vez que o *supereu* supostamente seria um remanescente representante dessas figuras, também seria possível traçar uma relação na qual o sentimento de culpa como um afeto, que se impõe ao *eu* reativamente ao medo de ser abandonado pelo *supereu*, teria sua origem na angústia de castração.

Tal sentimento de culpa se mostraria de maneira particular na neurose obsessiva, na qual, segundo Freud (1976/1923), o mesmo se apresentaria à consciência, muitas vezes com um mínimo de transformação. Isso se daria de forma diversa na histeria, patologia em que o sentimento de culpa, quase em sua totalidade, por meio da repressão desse afeto seria retirado do sistema Cs.. A partir disso, dissertei no capítulo quatro sobre um pequeno retorno aos textos pré-psicanalíticos de Freud, nos quais a etiologia das neuroses estava ligada ao trauma para construir a suposição de que a facilidade de acesso à consciência do sentimento de culpa nas neuroses obsessivas, talvez, seja determinada pelo modo particular que o futuro obsessivo passaria pela cena de sedução, esta última ocorrendo na realidade material ou na fantasia.

O obsessivo, diferente da histérica, percebe a cena como prazerosa, um prazer pelo qual se auto-recrimina e, talvez, essa primeira auto-recriminação favoreça o acesso do sentimento de culpa à consciência nas neuroses obsessivas para compor o sintoma. Enquanto que, na histeria a vivência da cena resulta em susto ou asco, o que, talvez, possa determinar a resistência na histeria em permitir que o sentimento de culpa permaneça no Cs. Com a ressalva de que, posteriormente, Freud atribuiu à etiologia das neuroses uma multiplicidade de determinantes que não apenas a cena de sedução e descartou a teoria do abuso, embora não por completo e, suponho que ainda se possa ligar de diversas formas a histeria a passividade e a neurose obsessiva a atividade.

Nesse momento inicial da construção da teoria psicanalítica aparecia o primeiro desenvolvimento de Freud sobre o trauma que desempenhava um papel de determinante constitutivo das neuroses. Em 1920, o trauma volta a ser destacado na teoria, agora como evento marcado por uma carência de ligação para a energia que rompe a camada protetora do aparelho psíquico, volta a ser destacado como evento que origina as manifestações da compulsão à repetição.

Retomo aqui na idéia de que o sentimento de culpa teria sua origem na angústia de castração, para destacar que o complexo de castração como trauma de castração, sugeriria que



certa quantidade de energia resta do mesmo sem que a mesma tenha sido (ou mesmo possa ser) ligada. Dessa forma, tal quantidade de energia se rerepresentaria uma e outra vez como compulsão à repetição, suponho então, que essa repetição poderia ser atribuída à reedição da angústia de castração pelo sentimento de culpa. A esta hipótese pode ser levantado em contrário o argumento de que na angústia social, ou sentimento de culpa, já se trata de uma transformação da angústia de castração, ou seja, acaso certa quantidade de energia não se encontrava ligada, em sua transformação em sentimento de culpa já existe alguma elaboração, isto é enlace da energia. Isso é verdadeiro, mas há ainda margem para que o sentimento de culpa evidencie algo de energia não ligada ao repetir essa angústia original, que em Freud (1953/1926), também é um afeto que repete uma situação traumática herdada.

Nesta dissertação apresentei dois objetivos secundários, como expus na introdução. Um deles seria relacionar as idéias aqui presentes à neurose obsessiva, sendo que fiz isso um pouco menos do que pretendia de início e a neurose obsessiva, salvo em algumas pequenas ilustrações aparece especificamente em dois pontos distintos.

O primeiro seria uma possível relação entre as compulsões presentes nessa patologia e a compulsão à repetição, em que uma vez que as compulsões ligadas ao sintoma obsessivo estão a serviço do princípio de prazer uma conexão entre as duas compulsões apenas seria possibilitada, suponho, pela forma de operar da primeira se aproximar do modo de operação da segunda, a partir de energia não ligada, por na compulsão obsessiva a energia se desligar de seu conteúdo representacional original. Isso aproxima o funcionamento da compulsão obsessiva ao do funcionamento da compulsão à repetição apresentada por Freud (1953/1914), em “Recordar, repetir e elaborar”. E o segundo ponto, especificamente acerca do modo particular em que o sentimento de culpa apareceria à consciência na neurose obsessiva, do qual falei um pouco alguns parágrafos atrás.

O outro objetivo secundário seria discorrer sobre a hipótese de que o sentimento de culpa seja também determinado por uma compulsão à repetição e não apenas pelo princípio de prazer. Chego à conclusão de que tal sentimento possivelmente seja da ordem da repetição, embora, ao mesmo tempo, seu caráter a serviço do princípio de prazer não possa de nenhum modo ser negado. Como já dito, essa hipótese foi desenvolvida aqui como um objetivo secundário com a finalidade de configurar uma estrutura de texto que possibilitasse que a idéia de

compulsão à repetição fosse apresentada e discutida, esse seria o objetivo principal desta dissertação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P. O afeto. In: **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.151-173.
- CABAS, A. G. Das estruturas clínicas. In: Associação Coisa Freudiana. **Letras da coisa nº 6: A política**. Curitiba: Coisa Freudiana, 1988. p. 73-83.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, July/Dec. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28/07/2007.
- FIGUEIREDO, L. C. As leituras sistemáticas (ou nem tanto) de Além do princípio de prazer. In: **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Escuta, 1999, p. 27-51.
- FREIRE, A. C. Cem anos de inconsciente. **Com Ciência**, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/resenhas/sonhos.htm>>. Acesso em: 28/07/2007.
- FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luis Alberto Hanns (Org). Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2, p. 123-192.
- FREUD, S. (1937). Análisis terminable e interminable. In: **Obras Completas**. Tradução L. Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 21, p. 315-351.
- FREUD, S. (1950). Cartas a Wilhelm Fliess, manuscritos y notas de los años 1887 a 1902. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 22, p.77-372.
- FREUD, S. (1928). Dostoievski y el parricidio. In: **Obras Completas**. Tradução L. Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 21, p. 253-272.
- FREUD, S. (1930). El malestar na cultura. In: **Obras Completas**. Tradução L. Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 19, p. 11-91.
- FREUD, S. (1924). El problema económico del masoquismo. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 13, p. 208-218.
- FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico In: **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luis Alberto Hanns (Org). Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1, p. 63-77.
- FREUD, S. (1926). Inhibición, sintoma y angustia. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 11, p. 9-82.
- FREUD, S. (1932). La angustia y la vida instintiva. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-

Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 17, p. 75-100.

FREUD, S. (1900). La interpretación de los sueños. In: **Obras Completas**. Tradução L. Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 6-7.

FREUD, S. (1906). La sexualidad en la etiología de las neurosis. In: **Obras Completas** Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 13, p. 9-17.

FREUD, S. (1894). Las neuropsicosis de defensa. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 11, p. 85-97.

FREUD, S. (1919). Lo siniestro. In: **Obras Completas**. Tradução L. Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 18, p. 151-186.

FREUD, S. (1896). Nuevas observaciones sobre las neuropsicosis de defensa. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 11, p. 175-194.

FREUD, S. (1922). Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación onírica. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 19, p. 167-178

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 13-76.

FREUD, S. (1915). O inconsciente. In: **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luis Alberto Hanns (Org). Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2, p. 13-74.

FREUD, S. (1950). Proyecto de una psicología para neurologos. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 22, p. 373-456.

FREUD, S. (1915). Pulsões e destinos da pulsão In: **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luis Alberto Hanns (Org). Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1, p. 133-173.

FREUD, S. (1912). Sobre los tipos de adquisición de la neurosis. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 13, p. 230-237.

FREUD, S. (1909). Um caso de neurosis obsesiva. In: **Obras Completas**. Tradução Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. v. 16, p. 13-80.

GAY, P. **Freud Uma vida para o nosso tempo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GEREZ-AMBERTÍN, M. O supereu entre duas heranças: Édipo e isso. In: **As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização**. Tradução Stella Maris Chebli. São Paulo: Cultura; Caxias do Sul: EDUCS, 2003. p.107-122.

GOMES, R. M. M. A escrita freudiana do pai-sintoma. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, July/Dec. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> (Acessado em 28/07/2007).

HARARI, R. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan**. Tradução M. M. Okamoto e L. G. B. Filho. Campinas: Papirus, 1990.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Tradução I. Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 223-259.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2ª ed. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, L. Por qué la pulsión de muerte. In: **Vida e muerte en psicoanálisis**. Buenos Aires: Amorrortu, 1970, p. 140-169.

RAMOS, G. A. **Angústia e sociedade na obra de Sigmund Freud**. Campinas: UNICAMP, 2003

STRACHEY, J. (1969). Comentários editoriais da Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud. In: FREUD, S. **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luis Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v 2, p. 123-125

TELLES, J. S. S. Cem anos de "a interpretação dos sonhos", sua vigência teórica, clínica e metodológica. In: XVII Congresso Brasileiro de Psiquiatria – Fortaleza, 1999. **Psychiatry on line Brasil**, n. 4, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br>>. Acesso em: 28/07/2007.